



0

ALABAMA



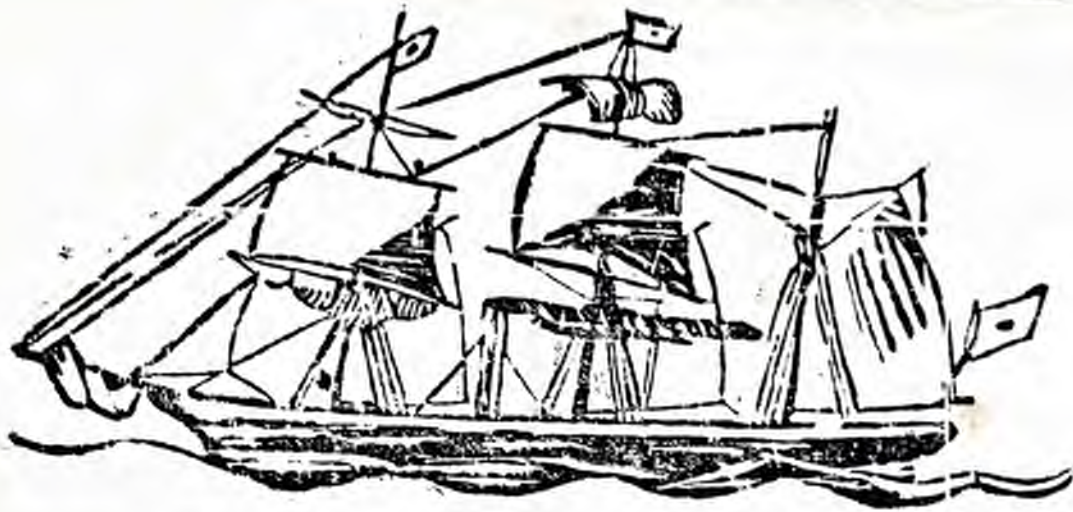
1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 55

BAHIA

4 DE SETEMBRO DE 1869.

Ns. 546 e 547.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
3 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe providencias, no sentido de evitar algum caso funesto, para que seja recolhido ao lugar conveniente um africano, doudo, varrido, que existe na rua da Poeira, em uma casa defronte do Dr. Navarro.

Nos accessos de furor atira pedras para a rua, em risco de offender a quem desprevenido não se poder livrar d'ellas.

No dia 31, corria nú em pello pela rua, escapando nessa occasião de morrer um guarda que tentou prendel-o e sobre que arremessou formidavel pedrada.

Espera-se que S. S. proceda neste caso, como tem procedido em outros, a respeito do reclamações que lhe são feitas, o que é de justiça se lhe reconheça.

—Ao mesmo, pedindo o concurso de sua authoridade para a punição do seductor que ha dias desencabeçou e roubou uma menina da casa de uma franceza modista, ao Terreiro.

E, si bem que haja quem affirme que o mal-feitor seja becco sem sahida, por ser casado, esta condicção não isempta da punição da lei; portanto espera-se justiça.

Portaria ao fiscal da Sé, ordenando-lhe que se dê ao trabalho de ir convencer-se com seus olhos do immundo estado em que se

acha o quintal da casa n.º 27, á rua dos Capitães, o que, na actual estação, é optima pechincha para quem mora nas immediações. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando-lhe, pela segunda vez, que, assim esta recba, dirija-se ao Canto de João de Freitas, sobrado n.º 11, e depois de examinar o estado em que se acha o pateo do mencionado sobrado, pespegue nos moradores á competente multa, para que sejam mais acciados. Cumpra.

—Ao Sr. Nunes, morador nas Pedreiras, ordenando-lhe que sem demora trate de concertar o seu pestilento cano, o qual frequentemente está arrebrandando e alastrando a rua de substancias incompativeis com a salubridade publica. Cumpra.

—Os paraguayos ja elegeram seu novo governo provisorio.

—Aquillo está um sapato para dous pés. Lopez não foi ainda deposto e continua a ser o chefe legitimo do paiz para as nações estrangeiras.

—Mas falletemos serio.

Houve tanta expressão de vontade nacional em tal acto, como aquella com que o povo brasileiro elegeu ultimamente os seus representantes.

—Eis a prova:

«CAMARA DOS DEPUTADOS.

«O SR. FERREIRA D'AGUIAR. — (referindo-se á guerra do Paraguay) Imagine-se, como me

lembra o meu nobre amigo de deputação e de districto, que organisado o govono, é eleito Lopez? Serã por ventura isto impossivel?

«O SR. MINISTRO DA MARINHA, ri-se.

«O SR. FERREIRA d'AGUIAR. — Porque não? V. Ex. ri-se?

«UM SR. DEPUTADO. — Pois havemos de eleger.»

— Quer mais claro?

— Do que isso so azeite.

— Um deputado, que deve ser grato ao ministerio por lhe dar um assento na camara, foi quem disse no parlamento brasileiro que o governo do seu paiz ia fazer eleições no Paraguay.

— Capitão, recommendar precaução e prudencia á Companhia de Vehiculos será hostilisa-la?

— De certo que não.

— Então bem.

Em vista de alguns casos desagradaveis que se tem dado, desejo que a empresa me ouça para evitar a reproducção delles.

Ha pouco foi esmagado um cavallo de carga, nos Coqueiros; a semana passada uma mulher foi atirada ao chão e ficou maltratadíssima e na noite da festa da Boa-Morte o Sr. Mattos escapou de morrer pelo abalroamento de duas diligencias.

— Só?

— Nada mais.

— Então viva.

— Capitão, estive em Maragogipe.

— Na função de S. Bartholomeu?

— E' verdade.

— O pagode é divertido.

Trouxe algum detalhe interessante?

— Diversos; mas ouça este por ora.

Dous rapazes travaram uma desavença que foi logo accommodada.

Depois, entrou a festa; os padres estavam no altar, quando apparece repentinamente um velho, assomado, armado de cacete, a quem ouvi dar o alcunha de *subdelegado*, o qual sem mais preambulo foi mettendo o pau em cheio em um dos rapazes.

— Estava louco ou ebrio?

— Nada disso.

— Como então?!

— Era o pae do outro que ia tomar despique pelo filho.

— Que velho tolo!

— O Roldão caricato, assanhado como uma cobra na muda, bradava—quem se *picar* encostel!

— Eu faço ideia do alarido que reinou.

— Até um musico da capital lerou uma porretada no braço, indo desapartar.

— E como o cujo *era o subdelegado* não tinha quem o prendesse.

— Tinha o appellido do subdelegado, comprehendenda.

— Isso mesmo; bem vê que um collega não prende a outro.

— Quem mora nesta casa?

— Não sei.

— Tome nota do numero.

— ??.

— Bem.

— Como chama-se isto aqui?

— Atraz da Sé.

Mas o que pretende fazer?

— Queixar-me ás authoridades.

— Esqueça-se disso.

— Nem por sonho me diga tal cousa!

Despejam-me pela cara esta horrenda bacia d'agoa ante-aromatica, e hei de soffrer resignado.

— E' tempo baldado. Antes vá para casa ensaboar-se e tirar a moirinha deste fedorento banho.

— Ora forte desgraça! Estar um homem exposto a semelhante contra tempo e não encontrar reparação!

— A fonte dos Baris não é publica?

— E'.

— Mas como é que o *Laderça* está cobrando tres vintens diarios de cada lavadeira e um vintem por barril d'agoa?

— Atraz da vella grande ferra-se o traquete.

Com a crise do Queimado, muita gente tem feito o que pode.

— Ora, que sempre hade haver quem especule com as calamidades publicas!

Mas que quer? Quem acha pau faz colher!

— Da-se padre mais frascario?

— Padre no theatro! onde está elle?

— Admira! pois não o reconheceu pelo porte?

Repare para aquelle salafrario que impudentemente passeia nos corredores com uma *lambisqueira* pelo braço.

— Já vi.

— E' um sacerdote relapso; um ministro denegerado da religião christan, que vem afrontar a moralidade n'um logar deste com uma marafona.

— V. é intolerante!

Pois o homem por ser *padre* não pode acompanhar a sua *Marcia* no theatro?

— Ha gente incorrigivel!

Não ha muito aquelle cynico foi suspenso das ordens por seu indecente comportamento.

— Inexplicavel mysterio!

A uns n.orem as yaccas, a outras parem bois.

— Como se explica isso?

— Faltaram as aguas do Queimado, ao passo que as fontes dos particulares tiveram sempre em abundancia.

— Notando-se que a concurrencia augmentou.

— A companhia do Queimado, apertada por uma secca, que veio so para ella, fecha seus chafarizes; os donos de roça tem agua a abarrotar para vender!

— Que o diga o Sr. delegado o dinheirão que tem feito, com a improvisada secca do Queimado.

— Capitão, as ruas desta cidade, foram testemunhas no sabbado passado de um espectáculo altamente deponente para o espirito de civilisação da epocha e que fazia ao mesmo tempo doer o coração.

— Vejamos o que tanto o impressionou.

— Era um rapaz atormentado pela mão esmagadora de terrivel molestia, conduzido, ou melhor, arrastado pelos pés e mãos por quatro brutos africanos que o levavam ao hospital de charidade.

As partes do corpo que o pejo manda resguardar eram indecentemente expostas ás vistas pudicas das familias que concorriam ás janellas.

— Qual o motivo de uma scena tão extranha?

— O infeliz padece de estupor, e apesar do subdelegado attestar que elle era indigente, as irmans de charidade, negaram-lhe, por mais de uma vez, a entrada no hospital; os arcos da cadeia são o aposento de quem não tem onde ficar e o desgraçado foi transportado para ali, onde se lamentava em altos gritos.

— É como os arcos da cadeia são na Praça, não convinha que desse na vista semelhante quadro.

— Tal qual; por isso mandaram quatro africanos agarral-o como um fardo e atral-o á porta do hospital.

— Pois não entrou?

— Qual! esteve exposto ao rigor do sol desde uma hora até ás cinco da tarde.

— E sempre o nome excelso da charidade antepoando-se ao atrevimento e crueldade dessa horda de aventureiras!

— Outra scena commovedora.

A joven Maria Antonia dos Anjos foi educanda do Asylo do Campo da Pólvora; seu pae la deitou-a.

Fallecendo este, ficou orphan, e foi mandada para creada das irmans de charidade

do hospital. Dali sahiu, para o poder de um irmão, o qual adoeccendo e sem meios, foi de novo entregal-a á Meza da Misericordia, e esta no desempenho de sua missão beneficente, recambiou-a de novo para o hospital.

Quando a malfadada menina transpoz o alpendre da Santa Casa, dominada pelo terror que infunde na victima o carrasco, lastimava-se a cortar o coração, e recensava entrar naquella casa onde reina a hypocrisia, a má fé e até a.....

— Que o diga a irman Izabel.

— A coitadinha banhada em pranto pedia que lhe mandassem para qualquer parte, menos para ali.

Alguns moços academicos commovidos foram ao chefe de policia expor-lhe o que se passava.

— É barbaro, é deshumano, obrigar uma menina, na juventude dos annos, a ir habitar n'um hospital, para tratar de molestias contagiosas, para ser enfermeira de doentes cujas molestias offendem o casto pudor de sua virgindade.

— Molestias, que as irmans de charidade, muitas das quaes ja lidaram nesse mundo de loucuras, onde ellas são adqueridas, se obstinam a não encarar.

— Grande miseria!

— Para que então se paga a serventes, para que encham as irmans de charidade de dinheiro, si ha necessidade de coagir uma pudibunda menina a ir trabalhar no hospital, onde, pela sua pouca idade, pode adquerir uma molestia que lhe absorva a existencia?

Para que essa injustificavel e porca economia, que se eleva ao ponto de, adoeccendo o porteiro, lançarem mão de um louco para exercer tal commissão?

— Dizem que a menina tem momentos de alienação.

— Tanto peor; porque o quadro de misérias e horrores proprio de taes estabelecimentos, a mortificação do corpo pelo infatigavel e repugnante trabalho, o acabranhamento dos sentidos pelo isolamento, muito influirão para se lhe aggravar o mal.

— Porem o que é mais para admirar é ver o ar sereno, o riso jesuitico, com que as irmans de charidade praticam tanta malvadeza!

Tendo sempre nos cantos dos labios um sorriso sinistro, com laivos de humildade, sem olhar para ninguem, essas mulheres são capazes de tudo.

— Complemento dos jesuitas, essas mulheres que trazem o coração mais negro que o habito de que se vestem, levam a ousadia a quererem forçar as consciencias alheias!

Ha de provar suas iras o empregado do hospital, que nos domingos não for se ajoelhar na capella onde ellas ouvem missa, embora com o coração abstrahido.

—O que ellas exigem é a posição eabisbaxa, a contricção do hypocrita.

—E levam o arrojo a intimar aos empregados para que se confessem!

—Com refalsada beatitude inculcam-se de sobrias e moderadas, quando são intemperantes e descommedidas.

—O refeitorio das irmans da charidade é um lugar que não é dado aos profanos devassar.

—Querem passar por parcas e abstinentes.

E' preciso que não hajam testemunhas dos regales que gozam, dos excessos a que se entregam na meza dos deleites que fruem.

—E em quanto ellas saboream deliciosas accepipes, em quanto excitam a natureza com variados manjares e exquisitos vinhos, os doentes da Santa Casa estendem as mãos esfaimados por um pedaço de pão ordinario.

—E' por isso que uma no Rio de Janeiro dizia que nestas terras intertropicaes não se dava a mesma frieza da Europa e por isso.... dava-se o caso de muitas se perverterem.

—Só uma fera é capaz de tanta barbaridade!

—Quem fez tão crueis sevicias naquelle pobre menino?

—O proprio pae, um thug morador ás Pedreiras,

—Que perverso!

—O chefe de policia mandou recolher-o ao hospital de charidade e instaurar processo ao delinquente.

—E' bom, é bom. O tempo dos carrascos ja passou.

—48 horas um cadaver impedido de sepultar-se!

—A religião christan manda enterrar os mortos, e a salubridade publica interessa-se vivamente pela inhumação dos corpos.

—Falleceu na ladeira da Preguiça uma mulher, pobre como Job, e ficou todo este tempo em casa, e mais ficaria si a policia não interviesse!

—Pois queriam que o corpo apodrecesse em casa?

—Si o vigario, ou quem suas vezes faz, que sem duvida será algum padre *sabido*, recusava se obstinadamente a dar a guia de graça!

—As ganhadeiras, ao menos, fiam aos freguezes, quando não tem dinheiro.

—O piedoso sacerdote da religião do Deus de bondade, affirmava segundo lhe constava

que a fallecida tinha porção de dinheiro embrulhada em uma meia.

—E achou-se?

—Quer, Sr! O subdelegado deu-se ao trabalho de remecher as troxas da velha e achou trapos para o carro da limpeza.

—Está visto que tal dinheiro não passou da imaginação interesseira do padre.

—Um pretexto para não vender a guia sem dinheiro.

—E' triste que um ministro da egreja mascateie assim passaportes para o cemiterio.

—Diz o *Publicador* que o juiz municipal e de orphãos da Chapada, no Maranhão, o bacharel Manuel Leocadio de Lima ia ser responsabilisado como iniciado no crime de introduzir moeda falsa na circulação.

—Si é exacto, em boas mãos estava entregue a execução da lei.

—Que diabo de homem este!

—Isto é culpa do caixeiro que deixou entrar para o wagon um homem embriagado! Não ha nada que faça este diabo metter a cabeça para dentro; estour vendo á hora que elle arrebenta-a em uma parede.

—Ora, pois eu, hoje sexta-feira, havia de vir ao Bomfim para me encourmodar com este imprudente bebado!

—E nó emtanto que é um guarda do batalhão 110, e está destacado na casa de prisão com trabalho.

—Tornia-se preciso pedir á companhia de Vehiculos providencias a esse respeito, afim de que não venha a lastimar-se alguma desgraça.

—Capitão?

—O que temos?

—A policia está incumbida de propagar a prostituição?

—Rapaz, eu creio que V. está soffrendo da cachola.

—Porque, capitão?

—Semelhante pergunta é de quem tem a bola transtornada.

—Mas o que quer que lhe diga? Eu vejo os defloramentos agora andarem pelos subdelegados de policia.

—Soube de mais algum?

—Ouça o que me informaram:

A pardinha Roza, de 15 annos de idade, filha de Maria Augusta, passando pela porta do subdelegado suplente da ilha de Maré, Domingos Jacintho, este chamou-a á pretexto de dar um recado para seu pae, e recado foi este que fez-lhe a charidade.

—Bom rapaz!

—Creio que já é madurão e viuvo.

—E' a mesma cousa.

—E para remate de moralidade o facto foi precedido de circumstancias violentas.

—Então a menina foi forçada brusca-

mente?

—E' o que dizem, valha a verdade.

—Como vae isto á galope!

Até agora os subelegados limitavam-se a exercer *inteira jurisdicção* nas raparigas de seus districtos, isto é, mandava-as buscar por ordem, ou quando iam presas chamava-as á suas presenças para *admoestá-las*, na occasião de solta-las, quando iam presas, agora a cousa é mais fina, seduzem, ou violentam as donzellas!

—Venha cá, quero passar-lhe um esfusiole

—O que ha a meu respeito?

—Quando trazer suas uelicias, seja mais escrupuloso.

—Commetti alguma incorrecção, por accaso?

—Disse-me que o *Gordinho* que tinha deflorado duas moças irmans era o que commercia em trapos, quando não é.

O devasso de quem se trata, é um *Gordinho* que anda lá para as *mattas do Precursor*, um satyro que faz alarde da sua depravação.

—Não vê que ambos andam para o mesmo lado? equivoquei-me.

—E põe-me na necessidade de fazer esta rectificação, alias espontanea, por que não gosto de ver ninguem carregar com o que não fez.

Á PEDIDO

—Capitão, tenho um caso galante.

—Alguma massada horrenda e fera.

—V. Ex. dirá depois.

—Pois queira aviar-se, Sr. impertinente.

—Nesta terra qualquer *peixibeque* que empolga um cargo, se julga authorisado a praticar quanto desvario lhe vem á cabeça.

—Mau vai o principio.

—Antes de tudo, diga-me, o corredor de um sobrado é porta de venda?

—Não, senhor.

—Não pensa assim o alferes *Peixe do mar*.

O Braga condoendo-se da penuria de um homem que não tinha onde dormir, deu-lhe o corredor da propriedade onde tem venda para se arrancar.

Succede que este abre a porta de noite para urinar, o alferes apparece na occasião, e só por isso depois de muita bravata, dá voz de preso e multa o vendelhão.

—Chama-se a isso pagar o mal que não fez.

—O vendelhão para não ser preso, escarrrou com dez mil reis que o alferes recebeu muito lampreiramente.

—Não tem cabimento semelhante procedimento.

—Ao passo que passam carros e carretas de contrabando, motivo principal porque elle foi mandado para ali.

—Por forma nenhuma os agentes da força publica devem cometer excesso e atropellos.

—Malfada freguezia do *Segura Parede!* anda sempre para peor!

Ju'gava-se que a presença da força publica ia conter as cousas em seus limites, e foi quando tornou-se peor.

—Capitão, capitão, capitão!

V. Exa faz favor?

—O que determina?

—Constando que a camara quer dar a preferencia das barracas de Santa Barra a quem mais vantagem offerecer, e como eu fui um dos prejudicados no incendio, que ali houve, e tenho continuado a pagar pontualmente o aluguel depois do incendio, venho pedir a V. Ex. que interceda pela minha causa e dos meus infelizes companheiros.

—E' impossivel que a camara consinta que outros arrematem aquellas barracas, a não serem os prejudicados no incendio, embora haja quem offereça maiores vantagens, visto como ella deve dár a preferencia a elles, que foram victimas do incendio, ao menos, para resarcirem o prejuizo que tiveram; é o que parece de justiça.

—Em todo caso, é bom V. Exa intervir sempre nesse negocio.

—Pois bem; vou officiar a Illma. neste sentido.

—Muito obrigado, capitão

Billencourt, não te trepes,
Meu farofa no pilar,
Pois o menos que te eusta
E' la da rocha pular.

Não vás atraz das parollas,
Que prega o peixe-marinho,
Que quer ser cousa por ser
Do commandante sobrinho.

Por Santo Antonio te digo,
Mono, cara de ressaeca;
Emenda-te ou o muxingeiro.
Te ha de sovar de taca.

E se a *Felizmenina*
Continuar com intrigas,
Aleives e mexericos,

Origem de tantas brigas;
O menos que soffrerá
E' ter pregada a janella,
Onde da vida dos outros
Vive dando a taramella.

O' que gente enredadeira,
Tão colcita de malicial...
Insultam e vão queixar-se
Ao alferes da policia!

Offerecendo bananas,
Que bem podiam servir
P'ra as meninas que gulosas
Precisam de se nutrir.

Olha lá, ó Bittencourtt,
Ouve bem o que te digo,
Deixa de insultos, sinão
O muxingeiro é contigo.

—Então, maganão, como vae isso?

—Soffrivelmente.

—O negocio dos canarios vae correndo?

—Difficilmente. Faço mais nas borboletas.
Isso mesmo é preciso agora mudar de
matiz.

—Quando vae para Valença?

—Pretendo breve.

—E a respeito daquella linda *perdiz* que
lhe cabiu no laço?

—Isso é segredo, que não quero que se
saiba. Minha *cara ahí* por fora é uma cousa,
ca na cidade é outra.

—V. tem geito para tudo!

—E si não obtiver algum passaporte es-
pontaneo para Fernando, muito cedo ha de
me ver feito cousa.

—Não se assuste, quem lhe podia encom-
endar é cega; não vê.

Assim não continue V. a trepar no *monte*
para perder o que tem ganho.

AJUDA DE CUSTOS AOS BISPOS QUEFO- REM AO CONCILIO EM ROMA.

II.

DEVER DO ESTADO MANDAR OS BISPOS A ROMA.

A religião do Christo não é uma religião de
pompa e de orgulho. A pobreza e a humilda-
de são suas vestes exteriores; seu principal
fundamento é a piedade.

O divino Rabbi respondendo ao espirito das
trevas que lhe apontava de cima do monte a
pompa e o imperio do mundo, disse «Meo
reino não é deste mundo.»

Quando S. Pedro foi a Roma, si é verda-
deira a historia, não foi senão como pobre e
humilde; a fumaça da aristocracia lhe não
passou pela mente.

Entretanto, dizia o Sr. Junqueira, fallando

de seu projecto «que interessa ao maior es-
plendor da religião do Estado—por entender
que o facto que se vae passar em Roma não
pode ser indifferente a um paiz catholico co-
mo este—por entender que devemos rodeiar
a religião do estado com todo o brilhantis-
mo, com todo o fulgor.»

O christianismo para fulgurar, para se apre-
sentar com todo esplendor não precisa de do-
nativos e de dinheiro.

Elle brilha e fulgura pela pureza de suas
doutrinas, pela razão justa que preside o en-
candeamento de seus principios; e nem pre-
cisa que dedos mundanos lhe acrescentem
uma só palavra no corpo de seus dog-
mas fundamentaes. E tanto o christianis-
mo não precisa de luxo para fulgurar que
elle tem antes por fundamento principal
Christo pregado na humilde cruz do que sua
entrada festival em Jerusalem, porque nesta
elle calca aos pés o brilhantismo do mundo,
mas alli elle se eleva pela humildade.

Christo, tanto desprezou o fulgor e a pom-
pa que um dia seus discipulos lhe mostran-
do o brilhantismo ou a fabrica de seu suber-
bo templo, elle disse escandalizado: «Vêdes
tudo isto? Não ficará aqui pedra sobre pedra
que não seja derribada» (S. Math. cap. XXIV.
v. 2.)

Eis a que fica reduzido o prestigio e o bri-
lhantismo e mais a pomp e fulgor!

Vejamos a questão por outra face.

A nossa Constituição em seu art. 5.º decla-
ra que «A religião catholica apostolica roma-
na continuará a ser a religião do Imperio»,
mas tambem declara que «todas as outras
religiões se aõ permittidas com seu culto do-
mestico.»

Alem disso, o Cod. Crim. em seu art. 191
pune ao que «perseguir por motivo de reli-
gião ao que respeitar a do Estado e não of-
fender a moral publica» e tolerante; tambem
pune em seu art. 277 ao que «abuzar ou
zombar de *qualquer culto* estabelecido no Im-
perio».

Ora consagrada e admittida uma religião
do Estado, vamos indagar segundo o espirito
de nossas leis si a constituição «incumbiu a
todos os altos poleres do paiz o dever de ve-
larem para que esta religião jamais soffra a
menor quebra na pureza».

Negamos absolutamente esta preposição.

Ella parte do erroneo principio de que a
egreja é livre no Estado livre, com quanto
neste ponto cedesse um pouco de seu ul-
tramontarismo ou como melhor nome haja,
dizendo «que a doutrina que consagra a
egreja livre no Estado livre não pode hoje
ser adoptada por nós na accepção que se lhe
quer dar.»

Entretanto cumpria declarar que no Brasil o Estado é livre, mas a igreja não o é.

Vaiamos ás proyas:

A Constituição em seu paragrapho XIV e art. 102 diz que é da attribuição do poder executivo «Conceder ou negar o Beneplacito aos decretos dos concilios e letras apostolicas e quaesquer outras constituições ecclesiasticas,» tendo por base não quebra na pureza, mas opposição á constituição.

Ora tudo que se oppõe á constituição é nocivo ao Estado ou á utilidade publica, logo a concessão ou negação do Beneplacito tem por base a utilidade publica e não quebra na pureza.

E' ainda debaixo do ponto de vista da utilidade publica que o Sr. Pimenta Bueno encara esta questão em sua obra—Direito Publico Brasileiro—e § 5.º secç. 4.ª das attr. do poder executivo em relação ao poder espirital, dizendo «por que na respectiva constituição, bulla ou decisão pode por ventura o legislador e ecclesiastico incluir algum *principio nocivo ao Estado.*»

D'onde se conclue que entre nós a igreja não é livre e seus representantes são considerados empregados publicos recebendo ordenado dos cofres do Estado e por isso nosso governo tem expedido provisões, avisos e decretos todas as vezes que os altos funcionarios do clero se querem inculcar independentes da acção do governo e somente sujeitos a Roma: Assim a provisão de 23 de agosto de 1824 declara que o bispo se ausentando de sua diocese sem licença, a Sé é considerada vaga.

Por aviso de 4 de junho de 1832 se extranhou ao arcebispo da Bahia por não dar certos esclarecimentos á presidencia e se ordena a esta que o fizesse responsabilisar.

Pelo decreto n.º 1911 de 28 de março de 1857 se estabelece o recurso á coroa das suspensões judiciais e extrajudiciaes impostas pelos prelados aos clerigos.

Em fim o aviso do ministerio do imperio de 29 de janeiro de 1866 declarou que os bispos não podem deixar suas dioceses sem licença previa do governo imperial.

Portanto do que temos dito se conclue que «a nossa Constituição consagrando no art. 5.º como religião do estado a Catholica Apostolica Romana, incumbiu aos altos poderes do paiz (não) o dever de velarem para que que esta religião. jamais soffra a menor quebra na pureza» mas sim que ella não va de encontro á utilidade publica ou que seja nociva ao estado; e por isso o poder executivo pode negar beneplacito ás decisões dos concilios, julgar das letras apostolicas, não con-

sentir que o bispo saia de sua diocese e até reintregar as ordens aos clerigos dellas suspensos *ex informata conscientia* pelos seus prelados.

Logo ao poder executivo cumpre conhecer do programma desse concilio e ver pelas questões que tem de tratar, si elle interessa ou não, si elle é ou não nocivo ao estado.

Por isso não concordamos com as razões apresentadas principalmente quando se diz:

«E' mister que n'uma occasião solemne como esta, em que se trata de rodear o summo pontifice de todo o esplendor e respeito, nós não estejamos economisando um auxilio de meia duzia de contos de reis.»

Valha-nos a *cruz de S. Gregorio!* Como se confunde a religião com o papal!

Todos os povos catholicos respeitam e veneram o papa, mas não querem papa com o brilhantissimo de realza, acabando de dizer a grande missa e indo assignar um decreto de pena de morte.

A humanidade treme de horror todas as vezes que em Roma ás ordens do papa cahe ao chão a cabeça de um culpado politico.

Victor Hugo que outr'ora havia louvado a eleição de Pio IX á tiara pontificia recuou assombrado adiante do spectaculo das torturas e do sangue derramado em Roma por causa do sceptro que lhe escapa da mão.

De que valeu isso?

Morreram muitas victimas, sim, mas do pó regado pelo sangue dos novos Gracchos, surgiram novos Marios para confundir o ultramontanismo emperrado, que em vão pretende trazer o homem feixado num circulo de ferro e ameaçado pelas fogueiras da inquisição.

Ora quem não sabe que o concilio é o mesmo por causa das questões de Roma, porque o papa insiste em querer ser tambem rei, contra a opinião de toda Italia?

Querera levantar uma *cruzada* contra a Italia para lhe estender os seus dominios? La se foram os tempos do *sic voleo, sic jubeo*?

Hoje cada homem tem o direito de pensar e resolver por si mesmo adiante do tribunal insuspeito de sua consciencia que deve depor as armas; e em tal cruzada não derramar uma so gotta de sangue.

(Continúa.)

—Os orgulhosos serão abatidos.

—Disse o Divino Mestre.

—Por isso o *Par-de-aranhas* ficou com cara de lacaio.

—E' verdade, mandou desafiar os *permanentes* para baterem-se com os seus *pequenos* e passou por tremenda decepção.

—Perdeu o modo de andar.
 —Eu não sei mesmo quando aquella creatura hade ter um pouco de senso.
 —Quanto mais velho fica, mais patadas dá.

—Capitão, o desencadeamento de acções indignas, que pratica uma sucia de sugeitos, precisam de severa corrigenda.

—Onde moram?
 —Em um segundo andar.
 —A rua? homem.
 —*Misericordia!* é preciso dizer tudo?
 —E então como se ha de saber?
 —Não basta o numero?
 —Va la, diga.
 —O numero é 4.

Em continua guerra com a decencia, esses cujos parecem mais que foram adequados a viver no campo a lei da natureza do que circulados por familias honestas.

—E com isso dão triste ideia da moralidade de quem lhes deu educação.

—Um homem, de mais de 80 annos, morador na rua Direita, distribuidor do *Diario*, foi, ha poucos momentos, apupado e maltratado por aquella canalhada.

—Já sei, é casa de estudante.

—Tem estudantes no rancho, mas ali encontra-se todo bixo careta.

—Homem em tal caso vou lembrar á policia para ver se aproveita algum.

VARIÉDADES

DIALOGOS MUI FAMILIARES.

—O' Sr. F., como tem passado?
 —Muito bem, obrigado.
 —O Sr. hoje vem n'um bonito animal.
 —E' verdade. Este é o burro de meu tio. O meu está com uma broca na mão.
 —Diga-me uma cousa, Sr. F., seu pae tem a besta de sua mãe em casa ou emprestou-a a alguem?
 —Meu pae emprestou ella hontem a meu tio José.

—O Sr. na verdade cavalga bem!

—Ao menos me dizem todos que nas carreiras que eu dei hontem, nenhum dos outros cavallos me acompanhava, sinão em grande distancia.

—Sr. E... quer que o sirva d'uma fatia de queijo de Minas ou do reino?

—Nem d'um, nem d'outro, minha senhora.

—Então o Sr. não gosta de queijo?

—Para fallar francamente nunca fui apupado por esse *doce*.

—Então sirva se de bananas.

Um sujeito que fallava mui apressado, ao retirar-se d'uma reunião, disse:

—Com licença meus senhores, vou ao barbeiro *cortar a barba e fazer o cabello*.

Em uma cidade da provincia do Rio de Janeiro, n'uma tosca taberna, lia-se o seguinte:

Dá-se comida e pasto

Tanto para passageiros como animaes.

Um sujeito encontrando um amigo seu, a quem a tempo via andar muito triste e melancolico, perguntou-lhe com instancia o motivo que em tal estado o trazia.—«E' um mal, lhe respondeu o amigo suspirando, que hade ser a causa da minha morte.

—E qual?

—A infelicidade de minha mulher.

—Oh! isso é mal de que ninguem morre, e do qual muitos vivem.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellado á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

ATTENÇÃO.

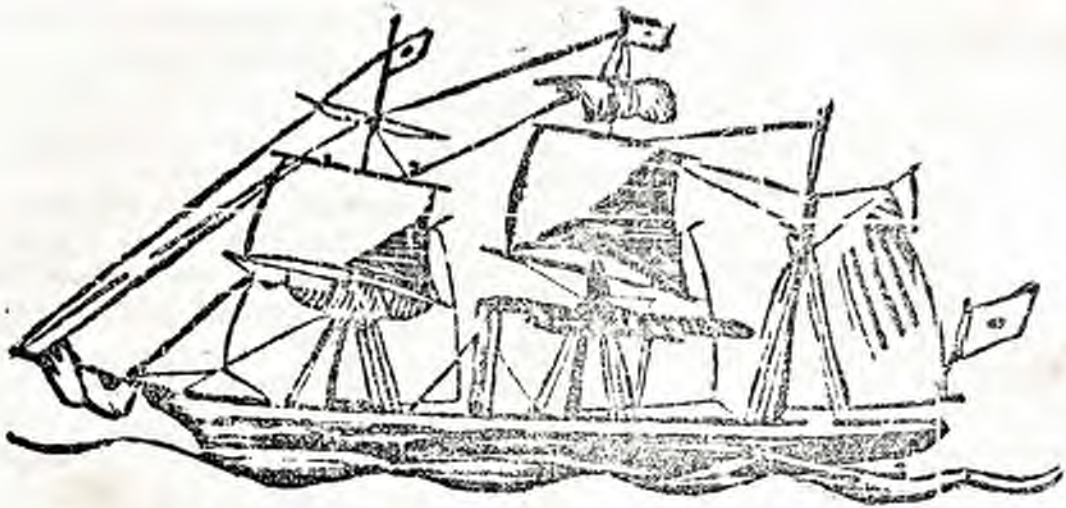
Vende-se uma taverna com todos os utensilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se á mesma venda que achará com quem tratar.

Quem tiver um banlandrañ da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, em bom estado, que queira vendel-o, dirija se a esta typographia que se dirá quem compra.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

Pede-se aos devedores da Estrella do Oriente que venhão pagar o que devem no prazo de oito dias sob pena de vorem os seus nomes por extenso nas folhas publicas.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 55

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

7 DE SETEMBRO DE 1869.

N. 548.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
6 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, prevenindo-o de que os garotos vão para o mez de Maria, em S. Francisco, munidos de cartas de alfinetes, e se divertem em pregar as caponas das beatas, e os vestidos das senhoras, alem de fazerem da porta do templo um lupanar de deboche e assuada, pelo que se torna de necessidade que S. S. ponha a policia no encalço de semelhantes *debandados*.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, antes que venham sobre a cabeça de algum desamparado da sorte, mande arrear, por conta de quem pertencer, dous paus, de um arco que se armou na Lapinha, por occasião do Dous de Julho, os quaes, estão para cahir a cada momento, em razão dos tombos que levam, quando por ali passam as boiadas. Cumpra.

—Hoje terá logar, no salão da camara municipal, a inauguração da sociedade.—**LIBERTADORA SETE DE SETEMBRO.**—

—Deus proteja esta philantropica associação, cujo fim é apagar a nodoa que mancha o Brazil entre as nações civilizadas!....

—O' rapaz?

—Prompto.

—Sabes a differença que ha entre a justiça e a policia?

—Ignoro.

—Imbecil, é que a justiça não vê, por que tem os olhos vendados, e a policia por que os venda quando lhe faz conta.

—A cruzada emancipadora vae creando adeptos por toda parte!

—Por mais que carregue a sua escapeta o Sr. barão de Colegipe, chore como chorar o Sr. barão de Muritiba, os tempos se approximam, a opinião nacional se illustra e o grande thema liberal, a base da reforma, seu primeiro, seu mais glorioso passo, ali vem chegando.

—O *Sapucahy*, folha que se imprime em Campanha, Minas, publica:

« PHILANTROPIA.

«O nosso distincto amigo e correligionario, o Sr. capitão Manuel Dias de Avelar, por uma inspiração de verdadeira e caridosa philantropia, acaba de tomar a nobre e muito louvavel resolução de libertar « todos os seus escravos » que attingirem à idade de quarenta annos, com excepção apenas dos criminosos e viciosos incorrigiveis que se tornarem assim indignos de sua alta beneficencia.

Honra e louvores ao nosso benemerito amigo que assim conquista novos titulos á consideração e estima de seus concidadãos!

O acto que acaba de praticar o honrado fazendeiro o negociante o Sr. capitão Manuel Dias de Avelar, não carece de elogios nem commentarios.

Basta referil-o para chamar sobre seu autor os ardentés louvores da opinião esclarecida.

Os exemplos de philantropia avultam no merest-

monto, ao passo que esocassoam no numero o são dados na sombra da modestia.»

—E o *Echo do Sul*, do Rio Grande, diz:

« 22 ESCRAVOS LIVRES.

«O Sr. Gustavo Julius Guntor, residendo em Londres, e representado na provincia do Maranhão por seu bastante procurador o negociante Martinus Hoyer, deu, a 22 do abril proximo passado, liberdade a 22 de seus escravos de ambos os sexos. Tão bella acção deve ter a mais extensa publicidade.»

—Vivam os verdadeiros amigos da liberdade!

—Capitão, V. Exa. toma-me um bilhete de beneficio?

—Beneficio de quem?

—Do sympathico contra-regra do theatro José Maria.

—O que vae a scena?

—O drama em 5 actos, producção do eximio poeta portuguez—Mendes Leal:

PEDRO

SEM MAIS NADA.

—Que mais?

—Terminará o espectáculo com a espirotuosa e muito applaudida comedia em 1 acto, ornada de musica:

MORRER PARA TER DINHEIRO

—Em que dia é esse beneficio?

—Na terça-feira 14 do corrente. V. Exa. podia tambem fazer o obsequio de recomendar-o ao respeitavel publico.

—Será attendido; mesmo por que o beneficiado, tem se tornado digno da sympathia do publico, pelo que é de esperar que o seu beneficio seja bastante concorrido.

—Capitão, consta que ha grande barulho no thesouro, com o recolhimento das notas de cinco mil réis.

—Porque?

—Porque ainda não se recolheu todas, e ha de mais da quantidade emittida, mil e tantos contos de reis.

—Safa!

—E' impossivel que ahi n'esse meio não ande moeda falsa, á ser verdadeiro este boato!

—O certo é que ainda, das recolhidas, nenhuma foi regeitada por falsa.

—Então alguma mão, semelhante a que fabricou para o governo, fabricou para si, ou para alguém.

—Tambem não digo isso, digo antes que são tão verdadeiras quanto as do thesouro, tanto que circulou e estão sendo recolhidas da mesma sorte que as emittidas pelo governo!

—Oh! é um facto virgem, recolher-se maior porção do que a emittida?!...

—Mas que quer V. Ex.?

Ha tantas fortunas mysteriosa neste mundo, que eu fico embasbacado, vendo certos homens da noite para o dia tornarem-se millionarios.

—Na verdade só se pode adquirir fortuna por tres maneiras.

—Quaes são ellas?

—Ou por meio de sorte, ou de herança, ou de roubo!

—Meu charo, V. não deve sahir destes principios:

«Quem rouba pouco é ladrão.

«Quem rouba muito é barão!»

—O *Guará* trouxe noticias da guerra.

—Quaes são ellas?

—Ouça um resumo:

No dia 16 o 1.º corpo do exercito brasileiro, ao mando do general José Luiz de Menna Barretto, por se achar de cama o invicto Osorio, ao sahir de uma comprida picada que leva de Caacupéa varze a de Campo Grande, encontrou o inimigo, em numero de 6,000 a 7,000 formado em linha de batalha para lhe embaraçar o passo. Commandava-o Caballero; aquelle celebre que ja foi dado por morto.

Travou-se renhida lucta.

O fogo tornou-se intenso; a artilharia jogava de um lado e de outro com equal vigor e as bombas encruzavam em todos os sentidos, pondo em risco a vida do principe.

O general Pedra fez prodigios de valor; uma lançada alcança-lhe a gravata e o atira n'agua onde esteve para se afogar. Chegou a correr no exercito que tinha morrido.

—Os 20 homens do capitão do matto tem se reproduzido espantosamente!

Elle que apresentou 7,000 homens ás eventualidades de uma acção, é claro que pelo menos tinha outros tantos de reserva.

—Era meio dia e os paraguayos defendiam o passo com tenacidade.

O general em chefe tendo á mão a brigada do coronel Hypolyto fel-a passar um arroyo e tomar de flanco o inimigo; empenha tambem no combate o seu piquete.

Então apresenta-se o bravo Pedra de espada em punho, ja torta pelo trabalho e depois de tranquilisar aos que julgavam de sua morte, some-se de novo pelo fumo da metralha.

Neste tempo a resistencia foi affrouxando. o inimigo começou a lutar em pequenos grupos o a debandar-se.

Caballero fogo, deixando o cavallo ajacado de prata.

Nossa gente batalhou em espaço maior de uma legoa.

Para mais de 2,000 mortos inimigos, 700 prisioneiros entre esses o major Godoy e tenente coronel Anêdo.

40 carretas conduzindo *quantidade prodigiosa* de munições, os bairros do vice-presidente Sanchez, mais de 20:000\$, 23 bocas de fogo, bandeiras, etc., foram os trophes.

As 2 horas tinha terminado a acção começada em Campo Grande e acabada em Pendoti.

Lopez foge para os Hervacs com 4,000 homens e 42 bocas de fogo.

—Safa! va forjar peças para o diabo!

Eu creio que todos os arsenaes brasileiros em um anno não fundem 40 peças!

E com que suavidade não transportaria elle esse pesado trem?

—O principe foi aos hospitaes de sangue visitar e consolar os feridos dessa gloriosa luta.

Nossas perdas não passam, em rigor, de 300 homens.

—Nesta parte permitta que ponha de quarentena sua noticia.

—Minha não, dos correspondentes do *Journal do Commercio*.

—Eu não posso conceber que o inimigo entrincheirado, occupando posições estrategicas formidaveis, fossos inaccessiveis, nós, os assaltantes em condições inferiores de terreno, marchando á peito descoberto, tenham perdas tão diminutas em relação as do inimigo, e isto quando a artilharia *jogava de um lado e do outro com equal vigor*.

Salvo, si V. quer admittir que os brasileiros são encorajados.

—A 18 deu-se segundo feito de armas.

O inimigo foi destroçado em Caraguataty.

Foi tomada de assalto uma bateria com 12 peças e 1,600 homens da guarnição.

—Eu creio que no dia em que a mãe de Lopez o deu á luz, fez algum pacto com o demol.

O maldicto em condições desesperadas, fugitivo mal quisto dos seus, ainda tem praticas fortes para resistir!

—O inimigo teve mais de 1,000 homens mortos. 120 prisioneiros e 200 feridos.

Queimou os navios que tinha no Manduvirá.

De nossa parte 200 homens fora de combate.

Aprisionou-se a bagagem de Linch.

—La isso é de grande interesse para a terminação da guerra.

—Continua a perseguir-se Lopez: para isso subira uma esquadilha ao Manduvirá para evitar que escapulisse por Miranda e Corumbá para a Bolivia.

Deu-se conhecimento ao barão de Melgaco presidente da Matto Grosso, recommendando-lhe que tome as providencias que puder para evitar a fuga por esse lado, ou ao menos impedir algum insulto ás nossas povoações.

Um inglez prisioneiro assegura que no acampamento de Lopez tem morrido para cima de *cem mil* pessoas de fome.

—Acho exagerado; mesmo que ainda ha pouco se dizia que havia extraordinaria quantidade de mantimento.

—Entraram em Assumpção uns 300 prisioneiros dos tomados nos combates que horrorisavam.

Dous terços desses infelizes eram creanças de 14 annos e velhos de 60, quasi nus, magros e tão fracos que com difficuldade caminhavam.

—Muito benéfico deve ser o clima brasileiro aos paraguayos!

—Por que?

—Por que os faz remoçar. No exercito de Lopez são velhos e creanças, chegando aqui tornam-se rapagões. Ainda não vi um prisioneiro paraguayo que não fosse robusto e moço!

—O mais admiravel é que elles, que desfallecem a fome, tenham força para empunhar uma arma e luctar encarniçadamente.

—Tudo isso é muito bom; assim não escapasse Lopez ainda esta vez.

—Dizem que desta vez a culpa foi do general E. Mitre, que demorou-se em executar pela sua parte o plano combinado. Tendo com o brigadeiro José Auto de subir com uma columna de 5,000 brasileiros e 4,000 argentinos aos Altos até Atirá para cortar o inimigo por Tabati e Barrero Grande, demorou-se na marcha 4 dias, tempo sufficiente para Lopez ser prevenido e precaver-se.

Entretanto, ouça os nossos *feis* aliados, os argentinos, o juizo favoravel que fazem de nós.

E' do *Nacional* e da *Tribuna*, orgãos do presidente e do ministro dos estrangeiros Marianno Varella.

.....
« Vendo os brasileiros este facil triumpho dos dous batalhões (Santa Fé e Rosario), pediu o general Auto Guimarães para tomar o desfiladeiro. Tocou ao 18 de voluntarios este serviço, sahio mui garboso das fileiras, porém apenas acabava de desaparecer entrando-se no passo, quando retrogradou delle, perseguido por um *punhado* de paraguayos. Havia uma confusão grande, e quem sabe o que teria succedido, si felizmente não se dirigisse ao ponto de perigo o 4.º de linha e o regimento Cordoba, que immediatamente

se atiraram ao inimigo, o restabeleceram a ordem.

« O terror que se tinha apoderado dos brasileiros era espantoso. Não baixam suas perdas de 60 homens, entre elles dous capitães. Julga-se tambem que os paraguayos levavaram alguns brasileiros, pois ao toque de alvorada quando o coronel Azala fez a descoberta sobre a bateria que dominava o desfiladeiro, foram vistos alguns paraguayos com o uniforme brasileiro.»

—E' para V. se acapacitar dos bons olhos com que nos veem esses hespanholitos.

—O Brazil que entrou para a alliança com um formidavel exercito e poderosa esquadra, que tem exaurido todos os seus recursos nesta malfadada guerra, é chasqueado por uma republicueta que entrou com 8,000 homens que logo desceram a 5,000.

A PEDIDO

O Motta fez uma casa
La na rua do Collegio
Por uma invenção moderna
Delle só o privilegio.

A invenção é, que estando
As paredes rebocadas,
Vai tratando de alugar
Sem lhe deitar as saccadas.

Sr. Motta, o seu systema
E' systema de forreta,
Deite sacadas na casa,
Ande, mecha-se, sôr pezeta
—Mas como hei de isto fazer.
Si o malvado ferreiro,
Poz-me a grade em quarentena
Por não lhe levar dinheiro?

Venho aos seus pes lhe pedir pelo amor do Santissimo Sacramento que basta de tanto me desprezar ja tenho sofrido tanto seos desprezos por cauza de outros que só querem lhe disfrutar e gozar a V. eu desprezado de V. sendo eu o primeiro homem que V. conheceo que lhe amou sempre lhe quiz muito bêm não tenho feito o que V. quer he por cauza disto eu podia lhe dar tudo que V. me pede porem não tenho animo vendo outro lhe gozando como eu sei de alguém que lhe goza dêixe-se disto lembre-se de mim que eu sou capaz de lhe fazer tudo que V. quizer não se emporte eu ter pessoa em eaza eu tenho lie por necessidade que he para me servir no momento que V. não quizer que eu tenha eu mando tudo se embora eu tenho lhe escrito tantas vezes e V. não me dar resposta quando todos lhe não quizem mais he que V. a de se lembrar do mim, não penço

V. quem esta como V. a de ficar toda vida a de ter fim mande-me resposta se quer continuar minha amizade me escreva para eu ficar siente eu sei do tudo que V. tem feito tudo que se passa eu sei de boas couzas emfim ade ter fim faça como quizer me respondeu se

Guilherme.

ATTENÇÃO.

O abaixo assignado decclara, que, tendo sido multado em consequencia do Sr alferes João Carneiro Marinho de Sá ter encontrado a porta de sua taverna aberta depois de 9 horas, pagou a multa de 10.000 rs. ao Sr. fiscal Antonio Luiz de Mello, por ordem do Sr. subdelegado da freguezia do Pilar, cuja quantia se acha o recibo do mesmo em poder do abaixo assignado.

Bahia 6 de setembro de 1869.

Antonio José da Silva Braga.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 88 e 89 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

TERNA SAUDADE

RECITATIVO

Composto por Francisco Santini.

Vende se em casa do author á ladeira de S. Roque n.º 9., á Barroquinha, loja do Sr. João Manoel de Seixas Junior, e Copistaria de Manoel Joaquim de Araujo, ladeira do Tabão.

Nesta typographia vende-se um prelo de pau em bom estado.

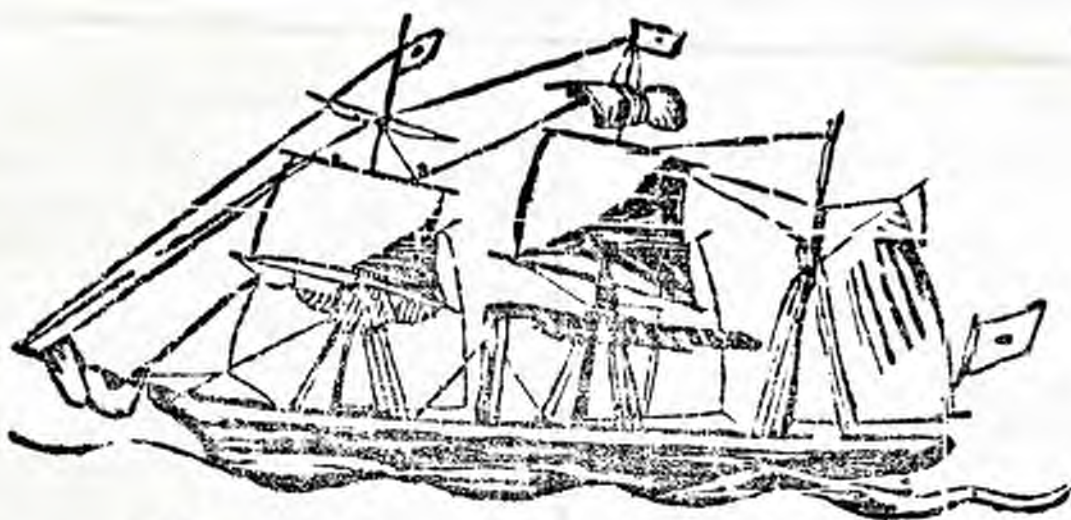
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma taverna com todos os utensilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10-B: quem pretender, dirija-se á mesma venda que achará com quem tratar.

Quem tiver um banlandrau da irmandado do Senhor Bom Jesus dos Passos, em bom estado, que queira vendel-o, dirija-se a esta typographia que se dirá quem compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.
Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.
Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 53

BAHIA

11 DE SETEMBRO DE 1869.

N. 549.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
10 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, recommendando-lhe a mais severa regularidade e completa execução da lei, no processo do portuguez Vicente Ferreira, que feriu gravemente com uma pedra a Gabriel da Silva e Oliveira, o qual se acha em tratamento no hospital, uma vez que se propala que o criminoso conta com a protecção de alguém para a impunidade do crime; e com quanto semelhante boato tenha formal desmentido na honestidade de S. S., com tudo leva-se ao seu conhecimento para que tenha sciencia do que se anda espalhando.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que, si por accaso encontrar o fiscal da Sé, extranhe-lhe a sua excessiva benevolencia para com os donos de talhos, consentindo em S. Bento a vendagem da carne até depois das 6 horas da tarde; afim de que o mesino declare as *razões* que tem para tal procedimento. Cumpra.

- Fogol fogo!
- On.le será?
- Seis badaladas. Rua do Passo.
- A Misericordia deu tres.
- Não sei qual foi a egreja que deu cinco agora. . .

—Que confusão!
—Meu amigo V. que vem de lá, onde é o fogo?

—No Taboão; em uma venda.
—E' um grande risco.
—Não ha perigo. A venda estava em caverna. O peor é que não ha agoa; os charizes estão trancados.

—Isso é que é zombar!

A companhia do Queimado, faltando a cada passo á seus compromissos, e o governo mantendo um privilegio que ella ja perdeu ha muito tempo!

—E continuará a infringir o contracto, e ninguem lhe irá as mãos.

—Sabe a causa do incendio?

—Não sei lhe dizer, porque tenho ouvido contar uma historia tão mal contada, que não me pode entrar no casco.

—O seguro que se avenha lá com elle.

—Qual a differença que existe entre um deputado e um cão?

—E' que um cão tem mais fidelidade a seu senhor, do que um deputado ao paiz que o constituiu seu representante.

—Nada; ha differença mais saliente.

—Qual é?

—E' que se existem alguns cães que latem muito e mordem pouco; ha muitos deputados que fallam muito e nada dizem que aproveite o paiz.

—Salva sempre as honrosas excepções.

—Capitão um acto de philantropia, que acaba de praticar o portuguez José Alves Dias.

—Conte lá isso.

— Um escravo do casal do Dr. Antonio José Alves, de nome Eliseu, pardo, foi levado a hasta publica afim de ser vendido, e estava avaliado em sete centos mil reis. Aconselharam ao escravo que lançasse mil reis sobre sua avaliação, o que elle o fez.

Porem não tendo o dinheiro para entrar, trabalhava e pagava semanas; não quizeram estar por isso os herdeiros, entenderam que elle havia de ir para casa ou dar-lhes o valor, e não tendo o escravo dinheiro, mandaram agarral-o, afim de desfeiteal-o.

O portuguez Dias, que estava no Forum, vendo aquelle alarma, metteu a mão na carteira e deu os sete centos mil reis, para que o escravo gozasse de sua liberdade e não fosse desfeitoado como queriam seus senhores.

—Em que dia succedeu isto?

—No dia 6 do corrente.

Pelo que V. Ex. quer fazer algum elogio a esse philantropico portuguez?

—Não. Que maior elogio se lhe pode fazer do que pronunciar o seu nome, o nome desse distincto portuguez, amigo da santa causa da liberdade!?

—Propaganda emancipadora.

—O que ha a registrar?

—Uma acção meritoria.

—Diga.

— A assembléa provincial do Amazonas, na lei de orçamento, votou um credito para a manumissão de escravos, fixando o preço de cada um sem distincção de sexo, nem idade em 1:000\$000 rs.

O presidente da provincia ja deu providencias para que essa disposição legislativa tenha execução, e publicou as instrucções que vou ler.

—A medida da assembléa é generosa: mais receio que não seja completa, por que ninguem quererá receber 1:000\$ rs. por um escravo que vale 1:500\$000 rs.

—Isso fica a philantropia de cada um.

Vou ler as disposições:

•O presidente da provincia, para execução do art. 7 da lei n. 474 de 19 de maio ultimo, resolve que se observe as seguintes instrucções:

Art. 1. Logo que a repartição da policia remetter a estatística, que ja se lhe exigiu, dos escravos existentes nesta provincia, o secretario do governo extrahirá della uma lista nominal de todas as escravas de 12 a 18 annos de idade, declarando em seguimento de cada uma, o nome do respectivo senhor.

Art. 2. Feita assim a lista, será convocado pelo presidente um conselho que se comporá do chefe do policia, vigario geral, commandante das armas, commandante superior, juiz de direito da capital, presi-

dente da assemblea provincial, da camara municipal e um negociante matriculado, para em dia, que sera previamente annunciado pelos periodicos, tirar a sorte de dez cédulas de uma urna que conterá tantas, quantas forem os nomes das escravas inscriptos na lista de que trata o artigo primeiro.

Art. 3. O conselho será presidido pelo presidente da provincia; funcionará em uma das salas do palacio, ou em outro qualquer local, que para isso for designado.

Art. 4. As cedulas serão numeradas; e, a proporção que forem extrahidas, por duas meninas menores de nove annos, em sessão do conselho, o presidente anunciará em voz alta o numero que contiver a cédula, e o secretario do governo marcará o nome da escrava correspondente ao numero da cédula.

Art. 5. Finda a extracção das dez cedulas, será a lista nominal das escravas sorteadas para a manumissão publicada e inscripta integralmente na acta que se deverá lavrar narrando o processo seguido.

Art. 6. A acta será assignada pelo presidente da provincia e por todos os membros do conselho e publicada nos periodicos.

Art. 7. O secretario do governo se dirigirá officialmente a cada um dos senhores das dez escravas sorteadas, communicando-lhes o favor da sorte, e instando para que lhe remettam a carta de manumissão, afim de lhes ser paga a quantia affixada na lei pela escrava, si elles a quizerem receber. Palacio em Manaus 16 de julho de 1869.—*João Wilkens de Mattos.*

—Capitão, aprecie uma da companhia do olho-vivo.

—Um rapaz foi ao convento de S. Francisco e pediu lá a um frade para arranjar um logar ali, pois elle não tinha onde estar. O frade que precisava de um creado, consultou-o si elle o queria ser.

O *tratantorum* beijou a mão do reverendo, ajoelhou-se aos seus pés, enfim faltavam-lhe as maneiras de agradecer lhe o beneficio que lhe havia feito.

Nesse interim, dizem ao frade, que um outro frade o mandava chamar. Elle sibe da cella, deixando o rapaz que acabava de tomar para creado e um relógio dependurado.

Quando voltou achou a porta da cella encostada, e não encontrou nem creado, nem relógio.

—Bem feita peça.

—E o frade não conhece o tal creado, não sabe como se chama?

—Qual, foi um homem que lhe appareceu assim, sem haver conhecimento.

—E por que elle não foi queixar-se á policia?

—Foi, contou o facto todo ao chefe de policia; mas o chefe disse-lhe que não sabendo elle do nome e nem lhe sendo conhecido o individuo, que não podia dar providencia alguma, concluindo admirando-se do frade ter cahido em semelhante laço, e finalizou riendo-se!

—Não descobre uma policia como a da Bahia, mas, si fosse uma outra policia, eu mostraria ao Sr. Dr. Cicero si descobria ou não.

—Teve lugar, como noticiamos, a inauguração da sociedade—LIBERTADORA SETE DE SETEMBRO—no salão da camara municipal, no dia 7 do corrente, ás 2 horas da tarde.

Foi installada com pompa e solemnidade esta philantropica associação.

Inscreveram-se grande numero de socios, subindo o seu numero a 244.

Felicitaram a sociedade, por meio de suas commissões, as sociedades—Medico-pharmaceutica, Conservatorio Dramatico, Gremio Litterario, Humanitaria abolicionista da escravatura, Beneficente Italiana e a corporação academica.

Enthusiasticos discursos foram proferidos pelos relatores das commissões.

Além desses, proferiram tambem discursos analogos ao assumpto, os Srs. Drs. Abilio, Lourenço e Izaac, sendo recitada uma bella poesia pelo academico Pedro Moreira.

O Sr. Dr. Abilio ao concluir o seu discurso, entregou a carta de liberdade a seu escravo Francisco, creoulo, de 37 annos de idade.

O Sr. José Maria Henriques Ferreira e sua senhora libertaram tres crias; o Sr. Dr. Garcez libertou uma e disse ter mais tres para libertal-as no dia da inauguração da sociedade Humanitaria abolicionista.

Uma menina branca, menor, escrava do Sr. José Ricardo Moreira, apresentou se com uma subscrição, e o Sr. Dr. Innocencio obteve dentre os socios 160\$000 rs. que entregou ao thesoureiro para tratar da liberdade dessa infeliz creança.

—Ja li nas folhas diarias a noticia, mas fiquei assim pensando em um pedacinho que vi na noticia do *Jornal da Bahia*, quando trata d'essa menina.

—Aonde?

—Lêa aqui:

«Essa infeliz merece a liberdade independente de paga.»

—Mas ao que vem isso?

—Desejava que o *Jornal* me declarasse si é por ser branca que merece a liberdade independente de paga?

—E' porque o *Jornal* entende que somente os escravos de côr preta devem comprar a liberdade!

—Mudemos de conversa e façamos votos á Deus pela prosperidade da sociedade *Libertadora Sete de Setembro!*

Á PEDIDO

—Immediato!

—Prompto.

—Vês um ponto escuro no horisonte?

—E' barco de vella capitão.

—Aproar. Chame a falla.

—Que vaso é este?

—O patacho *Carahy*.

—De onde vem, para, onde vae; que bandeira leva?

—Vem de *Oliveira*, vae para *Coimbra*, traz bandeira de Saltealopolis.

—Que carga leva?

—Mil cousas.

Trago, por exemplo, alguns massos de *tiquetas* em ser, estão novinhas, sahidas do forno; ainda não foram servidas; outros generos de origem suspeitosas, e entre elles 19 saccos de excellente algodão.

Oh! creia-me de boa vontade, foram adqueridos por um meio engenhoso.

Só eu e o Domingos do *escaler*, somos capaz de tanta audacia!

E' verdade; o Bazilio do *lanchão* não fica atraz.

—Mas que diabo de embrulhada está semelhante casmurro a dizer que eu não percebo?

Explica-te selvagem, antes que te mande pôr a tratos.

—Mas, si eu contar, fico comprometido; o negocio ja anda divulgado; si bem que meu nome esteja encoberto.

—Aspirante, traz lá o muxingueiro para tirar o fastio a lingua deste bruto.

—Não é preciso, capitão, vou explicar tudo. Quer V. Exa. que principie pelo caso do algodão, não?

—Sim, quero.

—Pois escute-me.

(*Continúa.*)

—Capitão, novidade.

—Venha.

—A *fortuna* passando pela rua *torta* do *Negocio* por acaso viu uma antiga loja de *modas parisienses* em estado de *quebradeira*; parou e fitou n'ella suas vistas para ahi fixar sua nôva estabilidade e como lhe confessasse o seu novo locatario que precisava de ouro para ser feliz, rasgou a pellicula do seu thesouro *defigas* e o tornou ditoso. Este, constituindo se instrumento caprichoso da deusa fabulosa, esqueceu-se logo do tempo em que *mercou* dedaes e botões, e trata hoje de affrontar o pundunor de pessoas morigeradas como presenciemos na noite do domingo p. p., na pasteleria do *Marco lino* á Estrada Velha

—De veras!

—Por cousa mui insignificante ficou furioso e armando-se de tao de bilhar quiz dar em pessoas inofensivas e até jactou-se que não precisava de dinheiro quem muito tinha.

—Que cynico, si suppoem elle que os me-

niños da *Cardinha* dormem; engano perfeito! Meu rico, seu dinheiro so serve para tapar formiguciro *ovciu?*

—Capitão?!

—Va dizendo.

—V. Ex. conhece um tal Braga?

—Isso é o mesmo que procurar agulha em palheiro.

—V. Ex. me responde cousa muito diferente.

—Ha tantos Braga nesta cidade. que menos que fôra bastava.

—Tem razão, capitão. Com licença, vou ler o nome todo: Antonio Braga José da Silva.

—Sei quem é; um taverneiro do Caes do Ouro.

O que teve?

—E' que tenho uns documentos á respeito desse enjo, que o retratam exuberantemente.

—Sobre o que?

—Vou ler um para V. Ex. ouvir:

«Illm. Sr. subdelegado do 1.º districto da freguezia de—F..., a bem de seu direito, precisa que V. S. por seu respeitavel despacho mande que o administrador carcereiro da cadeia da Correcção lhe dê por certidão o dia, mez, anno e motivo porque esteve o portuguez Antonio Braga José da Silva, preso na sobredita cadeia; pelo que

P. a V. S. differimento. —E. R. M.

DESPACHO.

Como requer. Bahia e subdelegacia da freguezia de, etc.

Custodio Ferreira de Oliveira, administrador carcereiro da Correcção, etc.

Certifico que revendo o livro de entradas e sahidas de presos livres d'esta cadeia, nelle, a f., se acha o assento seguinte:

Antonio Braga José da Silva, portuguez, recolhido em do mez de.... de mil oito centos e sessenta e cinco, á ordem do subdelegado do Pilar, para indagações, *por ser encontrado*—com objectos furtados—zinco e assucar. Recollido com portaria do mesmo subdelegado. E por ser verdade, passei a presente, que vae por mim feita e extrahida do proprio livro a que me reporto. Bahia e cadeia da Correcção, etc. Eu Custodio Ferreira de Oliveira, administrador carcereiro a escrevi.—*Custodio Ferreira de Oliveira.*»

—Isso não passa de obra de algum desafecto do homem que quer enxovalhalo.

Sem interesse ninguem anda revolvendo cousas passadas.

—Não é isso, capitão.

—O que é então?

—Não parece cousa do diabo? Este facto tem completa paridade com o que, ha poucos dias, depoz na presença de V. Ex. um labrego a cerca de certo ladravaz, comprador de roubos que foi preso por comprar zinco e assucar; o sobredito enjo que a patrulha obrigou a carregar a carne roubada na cabeça até á Correcção.

—Sim, parece; mas o Braga não é disso; até me custa a crer a veracidade do seu documento.

—Mas, noto que está legalizado; tem o signal publico.

—O que tem la isso?

—Nada. Eu apenas o que faço é mostral-os a V. Ex.

Deixe por tanto ler um outro documento, que ainda é mais gostoso.

E' um negocio de algodão.

—Faça pausa; deixe isso para mais logo; agora temos cousa de mais urgencia que aviar.

(*Continúa.*)

—Capitão, ha um certo saveirista do caes da Cal, que é um verdadeiro flagello da lavoura e do commercio.

—Como?

—Constituiu-se o agente conductor dos roubos nas alvarengas.

—Si lhe doe alguma cousa, reclame aos Srs. capitão do porto e chefe de policia.

—E' incrível o arrojo com que atraca a qualquer hora para desovar a pilhagem.

—Ja lhe disse a quem deve recorrer.

—Os repetidos desfalques que sente a companhia Bahiana em fumo, café e algodão, a elle mais que a ninguem deve agradecer.

—Ella que se previna.

—Ha poucos dias foi preso, por ir até ao quadro sem licença, o que é prohibido. Ia á *pescaria*.

—E depois da prisão?

—Continúa a roubar como d'antes.

—Sabe -lhe o nome?

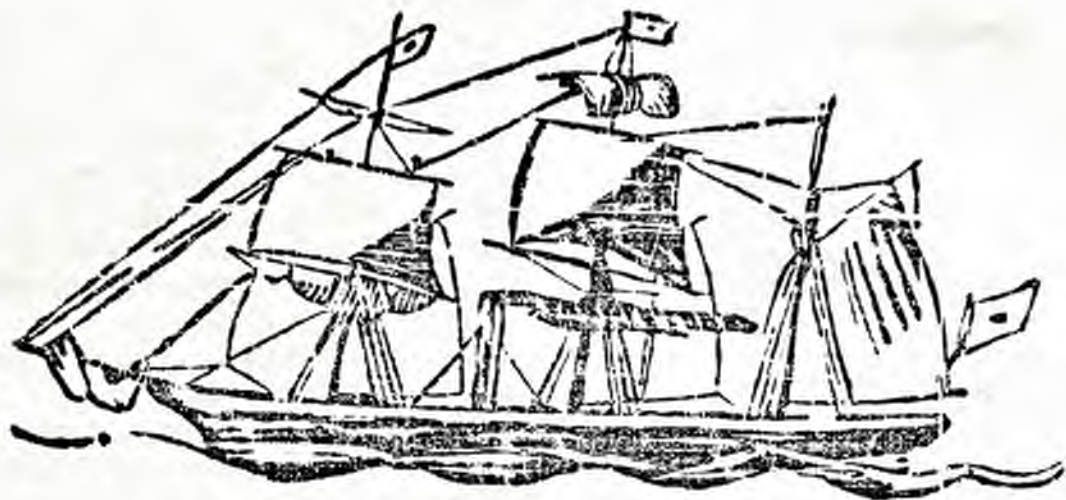
—Esqueci-me. Mas posso ir perguntar ao *Manoel Francisco Marques*, que é de lá tambem.

—Pois va e volte, para ver o que havemos de fazer.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 90 e 91 do—**ROCAMBOLE.**

Typ. de Marques, Aristides



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura — 4 rs. por serie de 10 numeros, ou 5 rs. por 6 series.

Serie 56

BAHIA

16 DE SETEMBRO DE 1869.

Ns. 550 e 551.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
15 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo-lhe um pouco de benevola attenção para o seguinte facto, que nos revellaram, o qual, pelas circumstancias de que é revestido, desperta graves suspeitas:

Ha cerca de mais de mez, foi surpreendido pela visinhança um homem, morador aos Coqueiros, que, cavando a montanha que lhe fica pelos fundos, desenterrara uma ossada. Perguntado o que era aquillo, respondeu que eram os ossos de um parente que trouxera da Quinta, e que enterrara no quintal por não estarem ainda bem limpos da carne; depois foi visto, pelas frestas do andar superior, ferver esses ossos e laval-os.

O buraco procedente da escavação ainda existe.

Accrescentam os moradores que semelhante homem é de maus precedentes, que sua mulher ja se apresentou na policia em lastimavel estado e que, por concordata arranjada pelo delegado de então, foi assentado que ella deixasse a companhia do marido; que tinha um sobrinho, em sua companhia, o qual desapareceu da noite para o dia sem ninguem saber para onde foi. Por tudo isso, espera-se que S. S., com o tino que o distingue, empregue o maior desvelo com o fim de

chegar a conhecer si ha neste negocio algum crime mysterioso, como ha quem affiance.

— Ao Illm. Sr. administrador da meza de rendas provinciaes, para que dê as precisas providencias afim de que seja lançada a taverna n. 23, aos Coqueiros, cujo dono vae *mocando* sem pagar os respectivos direitos de espiritos fortes.

— Um dos maiores flagellos que opprime o cidadão brasileiro é a guarda nacional.

— Concorde muito.

— O batalhão 110 deu destacamento para o Engenho da Conceição; la estão os pobres homens desterrados ha quarenta dias, sem que um só fosse ainda mudado!

— E' vexame inquisitorial.

— Clama aos ceus e a terra!

Ver-se um homem segregado de sua familia por mais de quarenta dias, lembrar-se de que não pode ir repartir o mingoado soldo com ella, que talvez esteja a braços com a penuria, é realmente consternador.

— Até nas cousas mais comesinhas, veja V. a justiça desta terra.

— De certo, do contrario o pezo do serviço seria reservado e não não recabiria somente naquelles infelizes.

— Como andam as cousas desencontradas! Na ladeira da Prata um molecote racha a cabeça de outro, e os circunstantes ficam de

bocca aberta por verem a impassibilidade com que um soldado presenciar o caso; na Fonte das Pedras, o policial Roberto, em irascível exaltação, quer com o seu chamfalho decepar a cabeça de um taverneiro!

—Scenas do domingo.

—Mas que enorme desproporção!

N'um a inactividade personificada, n'outro a turbulencia em seu auge.

—Dous typos que podem caracterisar os agentes da força publica nesta terra.

—Exactissimo; quando não provocam, consentem.

—E' outros fazem mais alguma cousa.....

—Capitão, veja o que se chama ser *charitativo e humano!*

—Ja sei que vem contar-me algum rasgo de charidade, praticado por a'gun padre.

—E' verdade; vou tratar do coadjutor da freguezia da Conceição da Praia.

—Vejamos.

—Hontem (14) morreu Daniel Pereira da Silva, homem pobre, e que, ha tres mezes, estava doente em cima de uma cama.

Appareceu ao subdelegado um rapaz e pediu-lhe guia para o cemiterio.

Conhecendo elle o finado, que morava nas Portas da Ribeira, deu um attestado de sua pobreza, para que se lhe dêsse sepultura.

O Sr. padre Sabino Pinheiro de Souza, apesar d'isso, negou-se a dar a guia, exigindo dez mil reis por dizer que o homem, tendo um filho, não era pobre.

Um Sr. Estolano foi á sua casa e disse-lhe que *ou dava a guia ou deixava de ser padre*, e elle então respondeu:—para *servil* o dou a guia, mas não vou encommendar o corpo, o que realmente cumpriu, porque se ausentou, sendo preciso que vigario mandasse pedir por favor ao capellão do arsenal para ir fazer essa solemnidade pela manha.

—Um facto como esse não se commenta, entrega-se descarnadamente á apreciação do publico!

—E eu chamo a attenção de S. Ex. Revm., para semelhante acto praticado por um ministro da egreja christan, que esque-se que é obra de misericordia sepultar os mortos.

—O que significa isto?

—São scenas da escravidão.

—Mas quem são aqui os escravos?

—Repare quem pode ser.

—Por ventura serão estes tres esqueletos ambulantes?

—Elles mesmos.

São escravos da nação que vão á avaliação.

—Isto é ridiculo e irrisorio!

Um pobre velho conhecido pelo *Massada*,

maior de 70 annos, que vive de esmola nesta cidade, *zambeta* das duas pernas, sem mais um dente na bocca, avaliado por 50⁷⁰ rs.

Uma preta nas mesmas condições por 40⁷⁰ rs. e uma outra por 100⁷⁰ rs.

—E onde vê, hão de ser vendidos em praça publico.

—Si houver quem queira levar defuntos para casa.

—Mas que desgraça!

Esta nação que quer ir libertar e civilisar o povo paraguayo, porque não liberta primeiro seus filhos? Porque não civilisa antes a si?

—Macaco não olha p'ra seu rabo.

—Será politico, moral e humano, levar á praça creaturas decrepitas que vivem da charidade publica?

Forte miseria, meu Deus!

—E dizem que o Paraguay é uma nação de barbaros!

—Morreu o Mello Patacho.

—Deus lhe dê o Céu.

—Entretanto os bocorios andam por ali a dizer tanta cousa, que, si se fosse a dar credito...

—Homem, empine-se; até V. quer se fazer echo de boatos infundados?

—Onde está a differença de um chefe de estabelocimento official para um rato?

—E' o que chefe mora n'um palacio e o rato n'um buraco.

—Engana-se.

—Então, não sei.

—O rato rõe as escondidas do gato, e o chefe faz as suas bamalheiras nas barbas do ministerio, que o nomeia.

—Os presos perpetuos da cadeia da Conceição quizeram amotinar-se.

Havia um plano de insurreição, que era assassinar a força publica e alguns empregados, que lhes podessem pôr obstaculo na evasão.

—E como se descobriu?

—Por denuncia de um sentenciado á prisão temporaria, que, sendo convidado á entrar na conspiração, foi descobri-la.

—Só de doudos!

Pois não viam que ali ha uma força respeitavel para os conter?

—Que força, senhor?

—O destacamento.

—Ora mo deixe!

O destacamento é de 40 praças para guardar 209 presos; dos 40 soldados, só 23 tinham espingardas e das 23 espingardas so-

mente nove tinham feixos; não haviam espoletas; a pólvora, ou antes o carvão que ha no cunheto, não pega fogo, de podre, pois que conta uns sete annos de idade.

A sublevação devia arrebentar quando sahisses para a fachina.

—Era uma carnificina.

—Aquelles homens, que ja estão perdidos, e que não recuariam ante qualquer meio para desfazerem-se dos ferros que os prendem o que não fariam?

—Mas isso denota relaxação.

—Pelas almas!

Os presos envergaram os varões dos cubículos de maneira a poderem entrar e sahir á vontade, e á noite passeavam nos corredores.

Debaixo de algumas tarimbas haviam bu-racos, para esconderem armamento.

—E como passam estas cousas desapercibidas!

—Hoje com as providencias tomadas não ha tanto risco.

Os forçados á prisão para sempre não sahem mais em grupo para a fachina, não vão á missa, nem ao passeio.

—Mas continúa a pólvora podre e o destacamento desarmado?

—Que duvida.

—Está direito!

—Capitão, leia isto.

—O que é?

—Documentos que provocam os beneficios que as irmans de charidade vieram fazer a esta terra.

—Quero ouvir.

—E' de um jornal de Pernambuco, o qual não foi contestado.

«PERGUNTA INNOCENTE.

Onde anda o jesuita frei Bento?

Porque sahiu elle tão precipitadamente d'esta cidade?

O que é feito da sua confessada a irman Dorotéa, pertencente a um collegio de educação que ha no convento da Soledade?

Será verdade, que indo algumas confessadas desse jesuita ao Sr. bispo queixarem-se de as ter elle defforado, o prelado o aconselhara a deixar precipitadamente esta cidade?

Para onde foi o jesuita Cassia levando em sua companhia uma irman de charidade?

Quem ficou sendo o director espirital do Sr. bispo?

Porque o provedor Pireti não manda para o hospital dos lazarus as irmans de charidade? porque não as manda para a casa dos alienados em Olinda? Será porque não ha ali que desfructar, nem defraudar?

Onde está a orphan Feliciana, que se diz

ter sido raptada por um medico da Santa Casa? será para estes passatempos que se tem nos estabelecimentos a cargo da Santa Casa as *irmans de charidade*?

Porque esse desprezo pela opinião, de modo que não dão a menor satisfação ás accusações, que se fazem? será na verdade porque a junta da Santa Casa tenha privilegio para prevaricar?

A PEDIDO

—Capitão, quero contar-lhe uma historia, que acabam de contar-me.

—E o que faz?

—Tenho reccios de contal-a, porque ainda não estou bem informado.

—Em todo caso quero sempre que m'a conte.

—Então la vai *ipsis verbis* como contaram-me:

Um afilhado do capitão Justino, que tem loja de bahu's, pretendeu, não sei si ainda insiste em sua pretensão, entrar para a philarmonica *Rossini*, e sendo lá apresentada a sua proposta foi regeitada.

O padrinho, encontrando-se com um dos membros da direcção, perguntou-lhe a razão pela qual não quizeram accitar seu afilhado, pois que pelo seu procedimento esse era exemplar, e portanto estava surprehendido de semelhante regeição.

Mas que havia de responder o tal director?

—Que era por ser pobre, provavelmente?

—Não advinhou. Disse que era por que o afilhado do capitão Justino é mulato!

—Que tolice!

Ja foi-se o tempo em que os homens se distinguiam pelas cores; mas hoje os homens só distinguem-se pela intelligencia e virtude, a não ser uma burla o que diz a nossa constituição!

E o que respondeu o capião Justino a esse disparate?

—Respondeu com a irrisão.

—E na verdade é irrisorio isto

Olhe que bobos!

Fiau! fiau! fiau!....

—Sr. C... tire a peneira dos olhos e veja ao pé de si uma serpente que o morde no coração, que parece dar-lhe beijos, e si quizer as provas, procure em mão de um dos seus caixeiros que serve de *mercurio*.

O sobrinho de minha tia.

—Capitão, diga-me uma cousa.

—Si estiver ao meu alcance.

—Qual dos dous attributos prefero dar V. Ex. á policia; a imbecilidade, ou o defeixo?

—Nem um nem outro.

—Ahi vem V. Ex. com pannos quentes!

—Mas si eu vejo o chefe mostrar boa vontade á respeito do que lhe reclamam?

—Então anda muito atrazado em novidades.

—Os agentes de que se cerca é que são pessimos; e ate alguns de precedentes torpissimos.

—Eu não sei si é das calças ou dos fundilhos; o caso é que vão se dando dellas e dellas.

—Apresenta alguma nova?

—Ahi vae.

Em certa noite, ha pouco, entrou em um desses sorvedouros da fortuna alheia um rapaz, caixeiro de casa estrangeira, com 100\$ rs. que seus amos lhe confiaram para pagamento de despachos n'alfandega.

Jogou e perdeu o alheio.

Um *meninorio*, desses que gostam de ver o fundo ao parceiro ganhou-lhe o ultimo vin-tem.

—Entendo, desses a quem bastaria ter um olho para encherger por dous.

—Houve então uma scena de punhaes e pistolas, uma lucta horrivel e desesperada, entre o que perdeu para arrebatat o dinheiro, e os que ganharam para conserval-o; depois seguiu-se outra de aviltante humilhação: pedidos, rogativas, choros, soluços e designio de suicidio.

—Mau vicio; leva o homem a todos os crimes.

—Não pense V. Ex. que o *depenhado* seja nenhum innocente; e que fosse ali levado sem consciencia do abysmo aberto diante de si; pelo contrario é *mandigueirão*; a ambição do ganho é que o levou a tal casa, onde elle era um dos assiduos frequentadores.

—Visto isso, não ha motio de queixa.

—Mas, não será ainda tempo da policia volver os olhos para esses antros de perdição; não será tempo de cauterisar essa chaga contagiosa que vae levando a miseria a tantas familias, a perdição a tantos filhos, a deshonra a tanta gente?

—Tem razão; a policia deve voltar as vistas para esses focos de depravação e immoralidade social; ondo os homens, levados de selvagem avidéz, se encaram mutuamente como ferozes salteadores, prestes a assaltarem uns aos outros.

—Não ha muito, nesta cidade, foi na policia, creio, do Sr. Assis, um pobre moço, de nome Rogerio, suicidou-se levado pelas terriveis consequencias do jogo.

Quantas ignominias, quantas indignidades,

quantas infamias, quantos crimes não se estão todos os dias dando aqui, por causa do maldieto jogo?

—Ha poucos dias, no largo de S. Bento, houve grande barulhada.

—Pois é o que o Sr. Dr. chefe de policia deve prever, si quer ter o nome de energico, activo, deligente e perspicaz.

E é preciso dizer a V. Ex. que não lhe reconhecerei estes predicados, si elle se limitar a estender a sua acção ás pequenas *com- bucas*, deixando em paz as grandes *locas*.

—Em resultado, o sujeito obteve o dinheiro?

—Obteve, mais com que condicções?

Navegando á vento fresco,
Pelo mar das *Tranpolinas*,
Seguia a barca *Furofa*
Com carga de *alicantinas*.

Na altura das *Trapaças*,
De repente o vento acocha,
Surge terrivel pampeiro,
Eis vae batter n'uma *rocha*.

As vagas da *tranquibernia*
Battem co'a barca ao rochedo:
Clama então por *Santo Antonio*
A tripolação com medo.

Pela proa do navio,
Demandando o arrecife,
Vem um brigue navegando —
O *Bittencourt patife*. —

O brigue seguia o ramo
Da ilha da *Ratonice*,
Onde ia receber
Aguada de *tratantice*.

Porem, arrastado pela
Correnteza do *cynismo*,
Ia direito encalhar
Nos baixios do *cynismo*.

E' quando um *peixe-marinho*,
Apparece repentino,
E vem arredar o brigue
Daquelle fatal destino.

Então foi que uma *barcaça*
Avistaram navegando,
Era a *Felizmenina*,
Q' andava *insultos* pescando.

—Conhece o *Burra das almas*?

—O *pão de tres qualidades*?

—Elle mesmo.

—Vamos ver o que *Deus faz*.

O que ha com elle?

—Pretendo imitar o *Torres pregueiro* de leilões, o mettu-se a divertir.

—Sim, eim?

— Arvorou-se em author de uma graça pesada e incivil.

— Em que consiste?

— Em soltar, á vista de quem for, dez, doze, vinte e trinta *bufas*.

A' noite senta-se em uma porta defronte do seu pouso e começa na bella acção, julgando, sem duvida, que todos estão o applaudindo.

— Pois elle que anda direito, si não quer ser *calafetado* com o formidavel instrumento do muxingueiro.

— Não precisa; basta envia-l-o á empreza dos vehiculos, que lhes mande fornecer uma das *infalliveis* agulhas, proprias para coser quem *anda roto*.... da lingua.

AJUDA DE CUSTO AOS BISPOS QUE FORAM AO CONCILIO EM ROMA.

III.

UTILIDADE DA IDA DOS BISPOS AO CONCILIO E ATÉ DE UM EMBAIXADOR.

Ha com effeito grandes e importantissimas questões, das quaes o concilio se devia occupar, afim de satisfazer as grandes e urgentes necessidades apontadas pela razão social.

Essas questões constituem, é verdade, uma necessidade palpitante do mundo catholico e de algumas dellas tratou em seu folheto o general Menabrea.

Isto motivou dizer-se que no futuro concilio «se tem de tratar de questões que interessam vivamente a religião e de questões que interessam tambem ao estado temporal.»

Isto não é exacto, nem ha motivos para tal suspeita, por quanto as noticias ultimas de Roma protestam contra, por isso que o papa não recuará um só passo de seu ultramontanismo nem cederá um só de seus pretendidos direitos.

Ora não é a religião em seu fundamento que precisa de ser discutida, mas sim a disciplina só pelo que diz respeito ás conveniencias sociaes.

Tres são as grandes questões apontadas pela conveniencia publica:—extinção do poder temporal do papa,—extinção do forçado celibato clerical, e—reconhecimento do casamento civil.

A primeira, quando não fosse uma necessidade sentida em toda a christandade, bastava que a Italia assim o quizesse, por quanto o throno pertence ao povo e este pode dar a quem muito bem lhe apraz e tambem esmagal-o quando lhe não morece mais confiança.

A segunda tem a historia dos Levitas contra si; não é razão o ter Christo entrado

Jerusalem montado em um (auou) burro virgem; tem a experiencia de mais de trezentos annos que não procede a razão de que «é mais bonito que o padre da christandade seja virgem» porquanto a virgindade do corpo não constitue innocencia.

Os philosophos mais profundos, os moralistas mais graves como Aimé, sustentam que «sem casamento não é possível civilisação.» Alexandre Dumas, ainda ha pouco, dizia ao mundo do alto do romance historico: «Aos padres o que sobre tudo falta para cumprirem a sua missão fraternal e consoladora é, que não tendo sido nunca nem paes nem maridos, não tendo nunca perdido nem uma espoza querida, nem um filho adorado, não sabem a lingua terrestre que deve fallar aos orphãos de coração.» No concilio de Nicea um frade de nome Pamphanucio sustentou de um modo prophético que o celibato forçado era um onus que o clero não poderia supportar.

A historia da egreja do Occidente tem provado isto mesmo.

Quanto ao casamento civil, é uma questão que se prende vivamente ao nosso estado social pelo que diz respeito á colonisação.

O clero considera o casamento civil como puro concubinato; e este modo de considerar não pode deixar de ser nocivo ao Estado.

O nosso governo como *bispo do exterior* que é, pode muito bem decidir por si mesmo independente de concilio e sem que por tanto se lhe possa lançar em rosto o famoso estribillo: «*non est major defectus quam potestatis.*»

A respeito do casamento mixto, eis o que em seu decreto 1º resolveu o concilio de Baltimore: «E' prohibido de novo o casamento mixto; si houver necessidade de alguma vez tolerar, ordena-se que se exija como condição indispensavel que os filhos sejam educados na religião catholica.»

«Os padres que assistirem a estes casamentos não devem estar ali revestidos de ornamento algum sagrado.» Esta é uma disposição que vae de encontro ás leis do Imperio por que fere a liberdade de consciencia, e deve ser considerada contra disposição ou principio nocivo ao Estado.

Quando prevalecesse a razão *defectus potestatis*, porventura papa, clero, povo e rei se tem sempre sujeitado á s decisões dos concilios?

A historia nos vai dizer:

O concilio de Bale funcionou de 1431 á 1443: O papa Eugenio IV não se sujeitou a deliberação deste concilio; alias ecumenico, que por um decreto declarou que «o concilio ecumenico é superior ao papa».

Eugenio chamou seus partidarios para Ferrara e em 1438, apellidou de «corpo acephalo» o concilio de Bale e este chamou aos reunidos em Ferrara: «conventiculo schismatico.»

Ha divergencia entre os autores em dizerem por qual destes dous concilios falla a igreja. Será pelo corpo acephalo ou pelo conventiculo schismatico?

Todos os estados catholicos não se tem sujeitado ao canon II do concilio de Lemerick da sessão de 6 de agosto de 1453 que determina que «nem um clerigo poderá ser citado a comparecer ante um juiz secular para uma causa, seja criminal ou civil».

No tempo do ministerio dos Andradas (1822) quando José Bonifacio em sua portaria de 23 de outubro dizia que era necessario «descobrir os perversos e esmagar seus contrarios» por ventura depois, frei Francisco Sampaio não foi chamado a policia a fim de depor contra os suppostos inimigos do governo?

Ha pouco um franciscano não foi chamado a policia a depor o que sabia quando um tal Filadelpho de Freitas intentou, no *Forum*, vender um menor nascido livre e que, si escapou de ser vendido, tambem se deve aos esforços de um pres ante advogado e ainda das mndidas acertadas da policia?

Um bispo mesmo em uma das provincias do norte não officiou á policia pedindo a condemnação, de um individuo? A christandade não tem cumprido o 6.º canon do concilio de Tribur (895) «Os christãos devem ter horror ao costume que se introduziu de se pagar sepultura: é vender isto terra aos mortos.»

Agora vamos apresentar o povo se rebelando contra um acto do papa e outro concilio sancionando a rebelião popular.

No concilio de Roma (897) o papa Eugenio VI desenterra o cadaver de Formoso, bispo do Porto, e o faz condemnar; corta-lhe a cabeça, e tres dedos e o lança no Rio Tyber: o povo se levanta, prende a Eugenio e o carga de ferros e o estrangula no carcere.

No seguinte anno (898), o papa João IX reúne em Roma outro concilio e condemna o que se passou no concilio anterior.

Na Austria, agora mesmo, a authoridade policial sabendo que, em um convento, uma freira se achava presa n'um carcere ha vinte annos, fez immediatamente a abbadessa vir a sua presença.

O povo sabendo deste systema inquisitorial tem pedido energeticamente a extinção dos conventos.

Povos mui catholicos não tem até hoje cumprido o canon XIX do concilio de Aranda (1473) assim concebido:

«E' prohibido representar comedias ou

outros espectaculos; fazer mascaradas, recitar canções e fazer discursos profanos nas egrejas.»

Quanto aos discursos profanos só agora se começa a prohibir o que sempre se permitia.

E que discursos profanos são esses? Os discursos feitos por occasião da missa de corpo presente, e do officio do setimo dia ou no cemiterio por occasião de se feixar um tumulo.

Nós consideramos taes discursos sagrados e bem sagrados.

No valle do Amazonas deu-se um facto bem triste. Em Mauãos o Sr. Tenreiro Aranha professor de geographia e historia no lyceu da quella capital mandou celebrar um officio pelo eterno descanso do bravo general Gurjão morto em consequencia do ferimento que recebeu no Itosorò.

Na occasião em que o Sr. Tenreiro Aranha, amigo dedicado da familia Gurjão, fazia o elogio do distincto general que tanto se assignalou na guerra do Paraguay, um padre jesuita lleveio arrancar o discurso da mão, do que resultou, dentro do templo, uma confusão ainda mais pela chuva de insultos que o padre dirigiu ao S. Tenreiro Aranha, moço pacifico e moderado.

Voltando á prohibição do clero figurar em processo civil ou crime, diremos que bem sabemos que o sacerdote christão tem uma missão de paz e que o espirito fica satisfeito vendo um bispo na monumental obra de Victor Hugo — Os Miseraveis — com charidade evangelica fallando de João Valjean, do que vingativo como um papa-rei assignando um decreto de pena de morte.

Esse canon bem como este outro do concilio de Trisinge (can. 5.º):

«E' prohibido sob pena de excommunhão levar os clerigos ante juizes seculares.»

São decisões que na frase do Sr. Pimenta Bueno devem ser consideradas conterem principio nocivo ao estado.

E assim quando um facto crime ou civil se der e neste figurar um membro do clero, quer como testemunha, quer como acusado, a autoridade competente não pode deixar de se haver com elle, seja frade, bispo ou padre.

O que é verdade é que a autoridade fica excomungada e declarada infame pelo 4.º canon do concilio de Nimes (1096) «Aquelle que tiver a temeridade de prender a um bispo, abbade, ou padre, será excomungado e declarado infame.»

A classe medica não escapou á legislação dos concilios.

O de Salerno (1484) em seu canon IX obrigou que os medicos façam confessar seus doentes.

Fernando de Bourbon, entrando em Roma depois da retirada de Championnet, de accordo com o papa, publicou um decreto em cujo 7.º artigo se lê:

«Todo o medico ou cirurgião chamado por um judeu, deve primeiro convertel-o; si o doente não quizer converter-se, deve o medico abandonar-o sem lhe prestar soccorros; indo contra esta determinação, expõe-se o medico a todo o rigor do santo officio.»

Que prova de charidade!

Parece um artigo do *alcorão*.

Voltemos a outra ordem de ideas.

O concilio Tridentino, tão fallado e até chrisnado de ecumenico sem ser, adoptando-se a opinião sensata do abba de Peltier, foi o que fez definitivamente passar a questão do celibato forçado.

Por isso não concordamos quando se fallando do Tridentino se diz «este concilio do qual dimanavam tão grandes beneficios para a christandade» por quanto na solução de tão grande questão foi elle de encontro á medicina, á philosophia e á propria religião.

Quando faltassem outras razões bastava dizer-se que o matrimonio é um sacramento como disse Christo e que por tanto não pode manchar a quem o recebe.

Arão foi casado (Exodo cap. VI v. 23) S. Pedro, chefe do apostolado tambem o foi (S. Math cap. VIII v. 14.)

Quanto á necessidade da presença de um embaixador, se pode dizer que, si elle for leigo, laico ou profano, não sei qual dos tres termos agrada mais, em todo o caso o leitor deixe passar, prova contra os nossos bispos que serão no concilio legitimos representantes do imperio.

Si o embaixador for clérigo, não se atreverá a propor cousas *mundanas*.

Ao lermos que o Tridentino «teve o assenso, o apoio, o patrocínio de todos os reis catholicos e de todos os estados catholicos» lembrou-nos por exemplo que os embaixadores do rei de Portugal foram tres frades dominicanos, entre os quaes o famoso Oleostro.

Nós, é certo, não temos dominicanos (*inquisidores*); mas temos lazaristas (*jesuitas*) que podem muito bem substituil-os.

Comparando-se as exposições universaes com os concilios, provavelmente os *geraes e ecumenicos*, se disse: «Pela razão de estarmos sempre representados nesses congressos europeus, nessas grandes reuniões de *civilização*, porque agora que se trata da reunião mais importante e mais respeitavel que se pode dar, havemos de recuar, porque hesitamos deante de meia duzia de contos de reis que é uma gotta de agua neste immenso oceano de despeza?»

Posta de parte a censura indirecta aos que tem mandado commissarios ou representantes ás exposições universaes, que significam *civilização* (sublinhada), isto é, atraso ou regresso, se diz que um concilio é reunião «mais respeitavel que se pode dar» porque?

Será pelos individuos, pela missão ou pelos resultados? Pela primeira razão e pela ultima, pode haver grande divergencia de opiniões; quanto pela missão nada pode se dizer, por isso que so se sabe o que o concilio tem de tratar quando, depois de todas as cerimoniaes do estylo, os legados do papa leem a bulla e nias as instrucções respectivas.

A parte final do trecho citado dá lugar a uma proporção directa em que meia duzia de contos está para o oceano de despeza, assim como uma gotta de agua está para o oceano real.

Orn isto faz em ordem inversa recordar o sophisma do celebre philosopho que pretendeu sustentar que a falta de um cabello não fazendo calva, se podia assim arrancar todos os cabellos de uma cabeça sem com tudo ficar ella calva.

Longas considerações poderiamos fazer a respeito da *gotta de agua*, em relação principalmente aos pesados impostos de que se acha o povo sobrecarregado, si não fosse o que-remos limitar mais e mais esta questão.

Todavia observaremos que uma gotta de agua seria sufficiente para transbordar o copo do abba de Blanchet, que annunciava a exclusão do doutor Zeb, esse famoso «*tête si-bien faite*» quando pretendeu um assento na academia dos silenciosos.

(*Continúa.*)

—Até o Sr. *Manuel* havia de voltar do Paraguay, com astucias de *Bertholto*, para augmentar o rol do olho-vivo!

—Deixe o homem, que é remador.

—Empalmador lhe chamo eu.

Quem tem seu mau costume não perle.

O tratante foi para o sul por passador de contrabando, e voltou mais adextrado do que antes.

—E' que quanto mais se vive mais se aprende

E elle que nasceu para larapio hade cumprir sua sina.

—Meu charo, eu so lhe digo é que, si aquelle *caes* não fosse feito de pedra e cal ja tinha desmoronado com tanta ladroeira.

—Quem é aquelle bebedão?

—Um diabo que anda mascateando tudo quanto é alcaide e refugo.

Deu-lhe a bebedeira para querer que todos lhe dêem charutos.

—E brigar com todos!
 —Força da cachaca.
 —Não se pode tolerar um bebado insolente!
 —Mais daqui da rua da Misericordia, onde elle está pintando, ao destacamento, é perto. E' mandal-o atirar la para cosinhar até de manhan.
 Quando accorder está bom.

VARIEDADES

TEM GRAÇA

Um velho achacado, que apresentou-se n'uma igreja para casar com uma joven de 14 annos, vendo que o cura continuava distra-hido sem prestar attenção a sua pessoa, disse-lhe:

—Sr. cura, parece-me que estou esperando.

—Cavalheiro, lhe replicou cortezmente o cura, se vós procuraes a pia baptismal, dae mais alguns passos e dareis com ella.

—Como se entende? replicou o octogenario, eu venho casar-me.

—Queira o Sr. então desculpar-me, lhe disse o cura, eu julgava que vinha baptisar esta menina.

Um pobre camponez, cégo d'um olho, querendo comprar alguns alqueires de milho, foi ao mercado da cidade, e disse ao filho que viesse com elle, e trouxesse um sacco grande. Ajustando o milho, lhe respondeu o vendedor:

—Está hoje muito caro, cada alqueire lhe hade custar um olho da cara.

O rapaz olhando então para o pai, lhe disse:

—Então escusado era trazer um sacco tão grande, porque não pede Vm. comprar mais que um alqueire.

Conrado III. imperador, sitiava Weinsberg na Alemanha, Este duque, que fôra um dos do partido opposto a eleição de Conrado, estava com a sua esposa encerrada nesta cidade; sustentou o sitio com um valor heroico, e somente cedeu á força.

O Imperador, escandalizado, queria por tudo a fogo e a sangue; comtudo exceptuou as mulheres, e lhes permittiu de sahir, e levar tudo o que tivessem de mais precioso.

A esposa do duque se aproveitou logo desta licença para salvar os dias de seu marido. Ella carregou com elle aos hombros. Todas as mulheres da cidade fizeram outro tanto, e o imperador as viu sahir assim carregadas, com a duqueza a sua frente. Elle não pôde con-

ter-se, e cedendo á admiração que isso lhe causava, perdoou aos homens em favor das mulheres.

DECLARAÇÃO

AOS SRS. ASSIGNANTES DO ROCAMBOLE.

Distribue se hoje o 2º e 3º numeros da setima serie.

Adverte-se áquelles senhores que se tem mostrado remissos em seus pagamentos, que não continuarão a recebê-lo, si accaso até o 6º numero, seus debitos não estiverem solvidos; visto como a despeza com tal publicação sendo extraordinaria, torna-se indeclinavel contar com a pontualidade aos que gostam de ler.

A presente declaração é dirigida in listinctamente a todos os remissos, e por tanto não ha razão de resentimento, da parte dos que se julgam com direito a certas deferencias.

ANNUNCIOS

O guarda do corpo policial Manuel Antonio de Oliveira, é chamado para pagar 37560 rs. de generos que tomou fiado na venda á ladeira de S. Francisco; pede-se ao Ilm. Sr. commandante que, para moralidade do seu corpo, admeeste o referido guarda a cumprir semelhante onus.

Na Conceição do Boqueirão casa nº 27 precisa-se fallar com os Srs. Francisco Felix de Souza velho, e Francisco Isidoro de Araujo para tratar de negocio que elles não ignoram.

Roga-se ao Sr. Luiz Augusto Muniz que venha a rua do Tijollo nº 16 a negocio que não ignora.

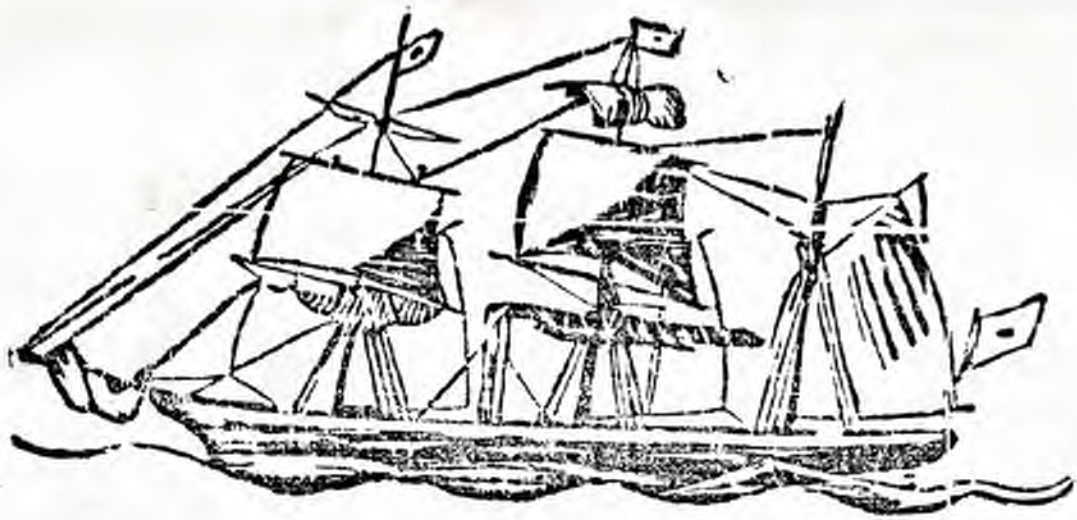
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma taverna com todos os utensilios, armação muito nova e com bons commodos, á rua do Tijollo n.º 10 B: quem pretender, dirija-se á mesma venda que achará com quem tratar.

Quem tiver um banlandrau da irmandade do Senhor Bom Jesus dos Passos, em bom estado, que queira vendê-lo, dirija-se a esta typographia que se dirá quem compra.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 36

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

18 DE SETEMBRO DE 1869.

Ns. 552.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*,
17 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. inspector da thesouraria da fazenda, communicando-lhe que nos participam que, tendo fallecido no Paraguay, ha dous annos, Pedro Alexandrino e Candido José Imbú, que marcharam daqui no corpo de policia, contiuaam a serem pagas as consignações pelos mesmos deixadas nesta cidade; o que convém que S. S. mande verificar no interesse da fazenda publica.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de S. Pedro, pedindo que mande chamar á sua presença os africanos que moram no Sudré, no 49, para syndicar de uns gritos aterradores que houveram n'essa casa, na sexta feira, pelas 6 horas da manhan.

Espera-se ser attendido.

Portaria ao fiscal da Sé, para que informe si tem alguma contemplação com os moradores do 1.º andar da casa primeira, á rua do Saboeiro, visto que á respeito dellas se mostra omisso no cumprimento de seus deveres, pouco se lhe dando de que os moradores da vizinhança soffram com os continuados despejos de materias feacas que das janellas fazem para o pateo. Cumpra.

—Capitão, uma noticia de enthusiasmar.
—Venha com ella.

—Reuniram se hontem (16) nos salões do Sr. coronel Carvalho 76 socios da Sociedade Humanitaria Abolocionista, para elegerem a sua direcção permanente, a qual ficou assim composta:

Presidente—Dr. Antonio Ferreira Garcez.

1.º *Vice presidente*—Dr. J. L. de A. Couto.

2.º *Vice presidente*—Austreliano Francisco Coelho.

1.º *Secretario*—Joaquim Cassiano Hypolito.

2.º *Secretario*—João Pinto Barretto.

Thesoureiro—Luiz Pereira de Carvalho.

Directores—Dr. Salustiano F. Souto; coronel Joaquim A. S. Carvalho; Antonio Policarpo Araponga; Dr. Antonio Garcia Pacheco Brandão; José A. Barauna; Calixto Gomes da Cunha; Dr. Pedro Antonio de Oliveira Botelho.

—Mais um passo dado no caminho da civilisação.

—A hora do despertar vae batendo no relogio do spirito nacional; a madrugada da emancipação servil vae assomando com suas chammas douradas; é o santo momento da esperanza.

—O governo deserta á causa da emancipação!

Elle que se inculca como o civilizador, o mestre, o magistrado do paiz, acaba de renegar, na falla do throno, a justiça, a verdade e a civilisação!

—E o povo, por si, vae hasteando a bandeira da liberdade, a veneranda bandeira da igualdade e fraternidade.

—O evangelho que é o código dos povos, proclama todos os homens eguaes e irmãos.

—E a consciencia e honestidade nacional, hade sacudir a ignominia que lhe peza na fronte e conferir ao escravo seu direito de homem e ao homem os foros de cidadão.

—Sem ser preciso appellar para os meios, que, no principio deste reinado, o Sr. Limpo de Abreu, hoje visconde de Abaeté, aconselhava aos escravos, no seu jornal o *Parlamentar*:

«Escravos, levantai-vos!»

—Bem hajam aquelles que voltam os olhos para esta santa cruzada, por que amam a justiça e servem a verdade:

—Qual seria o *distincto sacerdote* a quem o *Alabama* feriu tão desapiedadamente, segundo diz uma publicação do *Jornal*?

—A não ser um padre que teve o desenharaço de apresentar-se no theatro de braço com uma mulher delambida, não vejo outro.

—E a elle é que o tal *paes de familia* chama um *ministro do Senhor de conduçta illibada e inoffensiva*!

—Olhe, que *paes de familia*!

—Si elle acha isso moral, que leve o tal sacerdote para dar leccões em sua casa.

—Si ha uma verdade em tal publicação, é na assignatura.

Os padres, na verdade, tambem são *paes de familia* e aquillo não é arte sinão do proprio salabardote.

—Capitão, ainda volto ao padre Sabino.

—Ainda negação de sepultura para os mortos, não?

—Sim, excellentissimo.

—O cabo F... é homem pobre e sem recursos; morreu lhe um filhinho e elle foi ao coadjutor da freguezia da Conceição, o decantado padre Sabino Pinheiro de Sousa, para dar-lhe guia, afim de sepultal-o.

O padre negou-se, dizendo que fosse tirar esmolas, si não tinha dinheiro, si era pobre.

O homem foi ao subdelegado e este indignado com o proceder do padre fechou dez mil reis em uma carta e mandou trazer-lhe, dizendo-lhe que se não pagasse aquella quantia a guia, lhe mandasse dizer quanto faltava!

O coadjutor tirou quatro mil reis e mandou um recibo, um documento escripto em que elle confessa ter recebido do subdelegado a quantia de quatro mil reis, que elle deu-lhe pela guia para poder ser sepultado o filho do cabo F...

—Que tal são os padres!

—Ha dias, dizem, falleceu um homem e levou mais de tres dias dentro de casa, so

por que o *humanitario e charitativo* padre Sabino entendeu não dar guia!

—Mas o vigario não sabe d'essas coisas?

—O vigario vive atrapalhado na directoria dos estudos!

—Si o coadjutor faz tudo isso, é porque o vigario consente, ha connivencia entre elles, que é para a freguezia render bastante.

Tambem o Sr. conego Pereira quer abarcar o mundo com as pernas, vigario e director dos estudos.

—Isto chama-se querer mel e cabaco!

—Mas voltando ao assumpto, é um desafforo os vigarios negociarem com os mortos, vendendo pedaçoes de terra para sepultal-os. Não lhes bastam os rendimentos dos baptisados e casamentos?

—E que deixam bastante!

—E a prova está em terem elles duas e tres *comadres*, e n'isso se gasta bastante, eu que o diga.

—Deixemos as *comadres* dos vigarios e vamos ao que serve.

—E' verdade. Ainda mais uma vez devemos pedir a S. Ex. Revm. providencias para a deshumanidade praticada pelos ministros da religião christã!

—Sim, em nome d'Aquelle que morreu pregado na Cruz; para nos salvar, espera-se que S. Exa. Revm. tomará medidas que ponham cobro a semelhantes abusos.

—Esperemos!...

—Que gente barbara!

—Isto é ante-christão e falta de charidade.

—Nem que o corpo da pobre negrinha fosse de ferro!

—E' uma hora, duas da-noite, a infeliz ha de estar de pé!

—E ainda bem não se gritou por Josepha; ja o relho lhe canta no lombo!

—Não reparam semelhantes feras que, apezar de ter cor preta, é uma nossa semelhante!

—Não data de hoje o seu martyrio. Desde que o Sr. Ernesto Rabeca morava no Gravatá, ja a desgraçada era victima dos tormentos que a faziam soffrer seus verdugos.

—Eram tão crueis, que nem comida lhe davam. A visinhança penalizada é quem fazia essa obra de charidade.

—Até lhe davam dinheiro, por que a sehora mandava-a para a rua com meia duzia de traficancias vender pela hora da morte e queria que ella trouxesse jantar para casa, vendesse ou não vendesse.

—Dessa vez tanto se clamou que a infeliz foi levada á presenca d'authoridade e mandada para o hospital, para se curar das atrocidades de seus algozes; mais ficou nisto.

—Muita gente na rua das *Bengalas* diz que é um flagello acordar alta noite com os gritos suplicantes da desgraçada.

—É evidente que ella deve ter no corpo as marcas do castigo; e por tanto, quem sempre, que faça seu dever.

—A policia procedeu á busca em casa do portuguez José de Albuquerque Lisboa, morador aos Coqueiros a respeito do negocio de uma ossada humana.

—E o que colheu?

—Consta que declarara ser verdade ter trazido do cemiterio a ossada de um homem, cuja viuva lhe pedira para ir buscá-la; mas que conservando os ossos ainda bastante carne, os enterrara no quintal, até que a terra fizesse de todo seu dever.

—Não duvido; não duvido.

Mas é preciso notar que isso é em desabono do administrador do cemiterio.

Não se podem abrir as sepulturas, sinão depois de dous annos, e este tempo é sufficiente de mais para decompor um cadaver.

—É contra a hygiene publica trazer para casa ossos humanos com restos de carne.

—Deria ser bem penosa ao olfacto do Sr. José de Albuquerque semelhante tarefa!

—Mas, em todo esse negocio, ha gravissima profanação; enterrar-se clandestinamente os restos de um christão em lugar profano!

—Va com vista ao Sr. arcebispo.

Elle que fulmina com pena de excommunição aquelles que conservam ossos de finados em casa.

—Ninguem sabe para o que nasceu! Até depois de morto se passa certos transes!

—Isso são cousas que cumpre á policia averiguar.

—Oral... A policia em negocios serios se ha sempre com certo desaso.

Eu não sou capaz de aventurar qualquer juizo em desabono do Sr. José de Albuquerque Lisboa, mas parece-me que a policia em um negocio como o de se desenterrar de um quintal os ossos de uma creatura, procederia com bastante criterio chamando immediatamente á sua presença o author de tal acto e interrogando-o antes de *deixal o tomar folego*.

—Veja o que diz o *Jornal* a respeito de uns restos humanos desenterrados do quintal de uma casa aos Coqueiros:

«Montem mesmo verificou a policia, a tal respeito o seguinte:

• O homem denunciado é José de Albuquerque Lisboa. Este, haverá mais de um anno, foi encarregado por D. Umbelina Martins de Andrade de desenterrar, com a necessaria

venia do Exm. Sr. arcebispo, os ossos de seu marido Bernardino Martins de Andrade, que se sepultara no convento de S. Francisco, afim de preparal os para uma urna, que devia ser depositada na igreja da Santissima Trindade.»

—Mas a que tempo cessaram as inhumações nos templos?

—Seguramente ha 44 annos.

—Pelo amor de Deus! É tempo de sobra para a terra consumir quanta carne haja.

—Porem o Sr. Bernardino Martins de Andrade não morreu ha tanto tempo; pode haver 4 para 5 annos; lembra-me bem.

—Então é clarissimo que os religiosos franciscanos commetteram uma violação flagrante sepultando-o na igreja.

—Mas quaes foram as indagações a que procedeu a policia?

Por ventura anhou como devia?

—As indagações, resumiram-se ao que consta; no Sr. capitão Braga ouvir a José de Albuquerque; depois fazer um espalhafato assombrando as pessoas que podiam fornecer esclarecimentos; muito tempo, depois, o portuguez veio á policia, sabiu no mesmo instante e nada mais.

—Não é assim que se procede nestes casos.

—Parece que o bom senso ha de rir-se com esta noticia do *Jornal*.

Ninguem accusou o Sr. José de Albuquerque; apenas se preveniu a authoridade pela singularidade do caso.

Para que então essa defeza emprestada?

—Diz que o acto foi praticado com licença do Sr. arcebispo.

Mas o Sr. arcebispo não podia authorisar a remoção dos ossos de um catholico de um lugar sagrado para um quintal imnuado.

—Felizmente foi mais uma occasião para o Sr. Albuquerque provar que é um homem de boas notas.

—Ja uma vez elle provou no jury, com toda evidencia, a pureza de sua innocencia, na imputação de assassinato do brasileiro Cunha, morto com uma pedrada, no processo que lhe instaurou o Sr. Costa Valier.

A FEDIDO

(Continuação da abordagem ao *brigue Carahy*.)

—Os 36 saccos de algodão...

—Então, ladrão, agora são ja 33 saccos? Não dissestes a principio que eram 19?

—Perdão, capitão, foi equivooco, as arrobas é que eram 19.

—Desde ja te provino que não mintas outra vez, salteador, por que mando o maximo

gueiro te arrear esta deslavada chocolateira a força de calabrote.

—Como dizia, os 36 saccos estavam no *lanchão* do Bazilio, meu freguez certo.

Capitão, entre parenthesis, este Bazilio tem dado profundos golpes na *companhia*.

E' por que ella é ingleza, si fosse *bahiana*, creia, ja tinha quebrado.

—Falla o que tens de dizer e deixa de proza, ladrão infame.

—O algodão era para ser depositado no *armazen* das cinco *imprensas*; porém antes que para la fosse, fizemos-lhe a poda.

Cada um tirou seu pedaço, porque, em *abono* da verdade, não sou eu só o ladrão de assucar, algodão e fumo; a minha parte foi a que comprei ao Domingos, a quem mandei que fosse deitar n'um barco da terra que festeja a S. Bartholomeu, e cujo mestre é da *cuca*; quero dizer, com qualquer *gorgeta*, presta-se a auxiliar estes arranjos.

E' uma minestra optima, de minha invenção, que poucos sabem.

Compra-se o furto á noite; o *saveirista* vae deposital-o n'um barco da carreira do reconcavo, para isso prevenido, de manhan atraca a qualquer trapiche, desembarca, as vezes nas barbas do proprio roubado e todos comem a pilula sem dar por ella.

(Continua.)

—José, chegado de *Guimarães* a esta extensa *Bahia*, parece um *frango capado* fazendo roda ás *pirúas* n'um poleiro de *taboa grande*.

E apesar de ser capão, quer passar por gallo de briga, e campar de valentão, com todos tirando palha.

—Quando o burro é manhoso espora nelle.

Mettam-o n'uma capoeira immunda, forrada de trapos e retalhos e a dependarem na porta n.º 17 B, C, que elle ha de se emendar.

—O' Domingos?

—O Sr. sabe o meu nome?

—Ora essa!

Ainda remas no Caes do ouro?

—Sim, Sr.

—Ainda és socio do Avintes?

—Como sabe tanta cousa?

—Sei até que eras tu o conductor dos roubos de assucar para a fabrica do *bode pequeno*.

—Este homem advinha!

—Tanto, que durante o processo do *Cadiar* estivestes sempre occulto.

—Misericordia! Desta vez estou filado.

—Isso ja passou.

Trata-se de cousa mais fina.

—O que será, meu Deus!

—Tu bem deves saber.

Vê la o que fizeste ultimamente, e que ia te sabindo caro.

—Ha tantas cousas, que eu não me lembro.

—Vê se te lembras de 34 saccos de algodão subtrahidos do *lanchão B*?

Vê se te recordas de uma noite, em que lançaram fogo ao mesmo *lanchão*?

Pois ouve, e prepara-te para te haveres com o muxungeiro.

(Continúa.)

ANNUNCIOS

Julio Antonio de Azevedo,
Por alcunha o Feijoada,
Achando-se aborrecido
De uma vida tão cançada,

Como seja vender fumo,
Doces velhos, rapadura,
Tabaco de pó mofado,
Cousa que ninguem procura,

Candeeiros para gaz,
Gengebirra de seis mezes,
E outros muitos alcaides
Que escabriam os freguezes,

Estando pois convencido,
Que nada adianta nisso,
Resolveu-se a abrir
Uma casa de feitiço.

Aonde dará ventura,
Advinhará tambem,
Assim como hade o diabo
Tirar do corpo d'alguem.

Quem quizer pois procural-o,
Pode de hoje em diante
No becco do Arcebispo,
Onde mora o annunciante.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

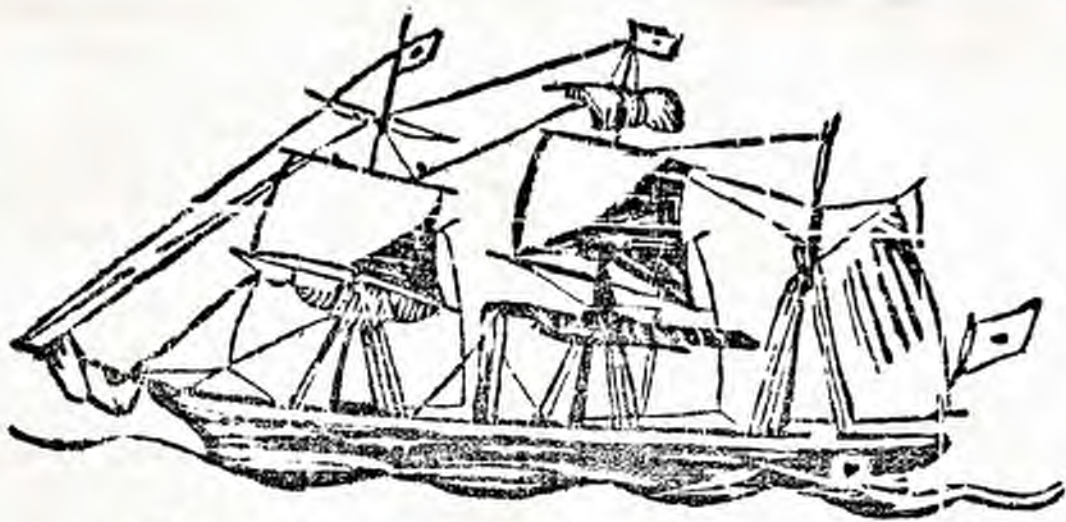
O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

TER NA SAUDADE

RECITATIVO

Composto por Francisco Santini.

Vende-se em casa do author á ladeira do S. Roque n.º 9., á Barroquinha, loja do Sr. João Manoel de Seixas Junior, e Copistaria de Manoel Joaquim de Araújo, ladeira do Taboão.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Ánno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

Serie 56

BAHIA

23 DE SETEMBRO DE 1869.

Ns. 553 e 554.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
22 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, chamando sua attenção para certo saveirista do Caes Dourado, que não é portuguez, á respeito do qual versam criminosas informações, como o de andar depois de meia noite, munido de um revolver, assaltando os trapiches e alvarengas, de uma das quaes, ainda ha pouco, roubou 34 saccos de algodão. Dizem que esse milhafre viaja sempre para o Cabrito, onde costuma ir desovar. E' de crer que S. S. com muita facilidade descobrirá tal salteador, o qual é incansavel em suas correias maritimas, não reservado nem os domingos para descanso.

—Capitão, si a religião christan é a mais santa, é tambem a que admite mais abusos.

—Sabe o mal de onde nasce?

E' daquelles que são incumbidos de admistrall-a.

—Repare V. Ex. para aquillo.

—E' uma Imagem do Crucificado, que, de mistura com outros objectos, vae estendida n'um taboleiro na cabeça de um ganhador.

—Para uma festa em S. Pedro.

Acha V. Ex. isso decente?

—Pelo contrario é uma impiedade, uma irreverencia.

—Qualquer individuo de posição mais elevada, quando sahe á rua é cercado de mil etiquetas e considerações; a Effigie do Senhor dos senhores, é deitada na cabeça de um ganhador, como si fosse uma sacca de farinha ou barrica de bacalhau, e mandada conduzir de envolta com lanternas e tocheiros!

—Semelhante falta de escrupulo planta a incredulidade e amortece a fé no povo.

—Não é por que na matriz de S. Pedro faltem Imagens de Jesus Christo que aquella é levada para lá; mas vae servir de ornato como objecto de luxo.

—Porque este mando é das apparencias.

—Ha outros muitos abusos a que dão origem a cubica dos padres, ingerindo no povo a superstição e fanatismo para tirarem lucro.

—Benzem, por exemplo, uma chusma de rosarios, bentinhos, e orações e entregam a uma mulher sordida, que os engloba com agulhas, dedaes, pentes e ganchos, e vão se introduzindo no seio das familias desempenhando ao mesmo tempo o officio de mercurio.

—Regateam como vis ganhadeiras e preço de uma missa, o suffragio de um morto, e muitas vezes faltam ao primeiro com quem ajustam, por que acham quem lhe paguo mais.

—E' por isso que não ha respeito nos templos, e a iniquidade lava espantosamente; o exemplo vem delles; o povo vê a degeneração em que os ministros da religião a deixam cahir e torna-se irreligioso.

—Sempre é bom pôr do parte os bons sacerdotes, moralisados, desinteressados o desapegados das fallacias mundanas, os quaes honram sua classe.

—Capitão, si a actual municipalidade da capital da Bahia, inspirada de nobre patriotismo e sincero amor ao espirito nacional, quer dar uma prova disso, a occasião se approxima.

—Quando?

—Na preferencia que tem de dar aos locatarios das barracas de Santa Barbara.

Ha muitos nacionaes que não podem negociar alli, por se verem embaraçados com a guerra tenaz que lhes move os africanos.

—Ha africanos como o João Savari que tem 6 e 8 barracas por sua conta.

—E dão por ellas um preço elevadissimo, preterindo assim aos nacionaes de poderem competir com elles.

—Preço que elles tiram das costas do povo

—Portanto, a camara pode dar um passo louvavel, dando preferencia aos nacionaes que se quizerem dedicar ao commercio de cabotagem, medida de subido alcance; para cuja realisação, a camara municipal, não deve somente olhar para o que mais dee, por que, si por um lado perder alguns mil reis, por outro terá feito um beneficio, dado incentivo ao trabalho, creado um estimulo ao espirito de nacionalidade e grangeado o reconhecimento de muita gente.

—Na camara ha cavalheiros que amam de veras sua terra, e que se hão de lembrar de seus patricios.

Não faça caso do que andam dizendo.

—As irmans de charidade plantam a immoralidade, a anarchia e a desordem e authorisam até o crime no hospital de charidade.

Admittiram um estrangeiro insolente que se emprega em lavar roupa dentro do estabelecimento.

—E' preciso que os bahianos abram os olhos.

Até essa pequena industria querem essas mulheres roubar ás nossas patricias!

Até para lavar roupa ja os estrangeiros acham emprego no hospital da Casa da Santa Misericordia da Bahia.

—Authorisado pelas irmans de charidade, esse estrangeiro praticava mil excessos no hospital.

Soberbo e audacioso, tratava os brasileiros a quem o infortunio conduz áquella casa como si fossem cães!

Muitas vezes os espancon.

Hontem, 21, achava-se elle lavando roupa, e um doente, um voluntario da patria, que voltou ferido do sul, exhalando de se le, por que no hospital se mata os doentes á se le, foi tirar um pouco d'agua; imperdoavel crime que foi punido pelo desalmado estrangeiro com um formidavel cacete nas costas do pobre voluntario, que ha pouco derramou seu sangue pela honra deste paiz, que tão mal lhe recompensa os serviços.

Vendo o sangue jorrar aos borbotões de sua cabeça, o infeliz voluntario da patria se foi queixar ás irmans de charidade, e essas jesuitas refalsadas o receberam com riso chateador e approvaram a torpe accção de seu *malunço*.

Assim desfeitoado e não encontrando reparação, ponde n'um momento de distracção subtrahir-se e dirigiu-se á repartição da policia.

As irmans de charidade presentiram e mostraram-se na porta do hospital assanhadas, furiosas, contra aquelle homem que ousava ir pedir justiça e queixar-se do que se passa naquelle secreto e tenebroso escondrilho.

Os serventes sahiram em chusma e prenderam o homem a tombo e assim o conduziram.

Foi um facto que muita gente presenciou no Terreiro.

Tiveram o cynismo essas mulheres de dizer publicamente queo homem era um doudo!

E de facto foi elle immediatamente encarcerado com os doudos.

Si ainda não lavaram, pode quem quizer ir ver o sangue que derramou o infeliz coaglado na calçada.

—E ficou impune o malvado?

—Graças a um moço academico, que supomos foi á policia, fez-se corpo de delicto.

—O que esperam mais ver dessas mulheres?

Si ha ainda quem se illula com ellas, é porque não quer descerrar os olhos.

—São mulheres de paz e amor, charitativas para com o proximo e não se compadecem á vista de um homem injustamente espancado e ferido!

—E antes cheias de odio procuram esconder o crime, e maltratar a victima!

—Ellas não querem que seus actos se devassem, si o mais impenetravel segredo é a norma de sua vida.

E aquelle homem incorreu no imperdoavel crime de mostrar-se na rua banhado em seu sangue.

—Mas é preciso que haja quem lhes ponha

um paradeiro aos escandalos, do contrario, um dia... talvez seja muito tarde.

—Quando ha de haver nesta terra um asylo de mendigos para evitar tão vergonhoso espectaculo?

—Tanto dinheiro que se esbanja; tanto que dão ás irmans de charidade e para os pobres sadal.

—Antes lhe tiram.

—A falta de uma casa para os pobres alimenta a ociosidade.

Si ha quem peça por precisão, muitos pedem por vicio.

—Nada melhor do que andar pelinchando, e no fim do dia ter 3 ou 4 patacas sem trabalho.

—Ao passo que, si houvesse um logar onde fossem obrigados a permanecer, ~~se tiram~~ para ali os verdadeiros mendigos.

—E se evitaria esta scena immoral e deponente de uma alluvião de pobres pelos adros e portas do templo, onde praticam tudo.

—Como agora mesmo se apresenta a nossos olhos.

—E de todos que estão presenciando.

—Na portaria de S. Francisco a mendiga Izabel a brigar com o seu *velho*, por ciunada.

—E como se lembram de seu tempo!

As palavras obscenas, as recriminações injuriosas, sahem em jorros das boccas daquelles dous cangalhos.

—São quadros da Bahia, incontestaveis indicios da civilisação desta terra.

—Ninguem pode desenterrar ossos, e trasladal-os, *mormente para logar profano*, sem licença do prelado; esta disposição é muito restricta, por que nem se permite sem licença tirar os ossos de uma para outra igreja, nem mesmo em uma igreja de uma para outra sepultura.

Quem o fizer incorre em excommunição, e o parochio que consentir incorre em excommunição maior *ipso facto*.

—E' preceito da constituição synodal n.º 851.

—Ora, o Sr. arcebispo não podia conceder licença ao portuguez José de Albuquerque Lisboa, para enterrar em seu quintal os ossos de Bernardino Martins de Andrade.

—Logo é claro que está elle incurso em pena de excommunição.

—O Sr. vigario do Pilar o dirá.

—Os asseclas da situação dizem que o governo transferira a partida do *Cruzeiro do Sul* para o dia 24, para que os deputados não fossem se esgueirando.

—Assim estão os representantes da nação com ares de meninos de escola, que precisam de vigilancia para não *gasearem*.

—V. foi, na sexta-feira, ao mez de Maria no convento da Piedade?

—Não.

—Pois não sabe o que perdeu.

—O que houve?

—Um frade que entrou para o convento, levado pelo braço do Sr Araujo, ebrio como uma cabra.

—Homem, isto havia de ser bom, contome o que se passou.

—Neste estado, veio elle para o corpo da igreja; e como os rapazes entravam a rir, quiz tirar o habito e desafiou-os para brigar.

—Bonito exemplo! E quando se censura um frade desses pelos seus desvios, é logo ameaçado com a pena de excommunição!

—Excommungado é o padre que se aparta das regras e preceitos christaos!

—Apoiado!

—Na sexta-feira, depois da novena, nas Mercez, um moleque arrebatou da mão de uma negrinha, que acompanhava um menino, um par de bolões de ouro e largou-se a orrer.

—E não tomaram o furto?

—Os guardas de policia correram atraz, mas não o poderam pegar, o moleque corria mais que estes.

—A policia d'aqui não tem substancia para correr.

—E a prova é que o moleque, aprendiz da companhia do *olho vivo*, escapulia das garras della.

—Mas que quer, si o que os soldados ganham não chega para elles tomarem vinho do porto velho!

—Bem vinho que bebem elles, mas é que a policia d'aqui de minha terra assemelha-se á *preguiça*, o contrario das outras policias, que são da especie do *cão*, farejam quando querem descobrir os delinquentes!...

—Olhe que V. tem lembranças!...

—Que diabo de ajuntamento é aquelle ali na Praça de Palacio, defronte da guarda?

—São os inglezes que estão brincando aos soccos e as cacetadas, e um delles levou um horrivel socco na boca do estomago, que o levou ao chão e arreventou lhe o *beque de prôa*!

—Hoje é domingo, elles estão alegres.

—E nem um soldado de policia para acabar semelhante brinquedo estúpido d'aquelles perros!

—E nem ao menos a guarda se move para

dispersal-os, assim como os moleques que tambem aproveitam o ensejo para darem suas pedradas.

—E isto na Praça, onde está o palacio da primeira authoridade da provincia!

—Todos vem para aqui tomar sua *sopa*; até estes *bifes*, estes marinheiros de navios mercantis, desrespeitam á tudo e a todos!

—Pobre Bahia!

—Diga-me si isto é justiça e moderação.

Francisco Xavier Clarião foi praça de cavallaria e marchou para a guerra; obtendo baixa, voltou a sua provincia.

Mestre pedreiro, foi trabalhar nos Lençoes, onde o tenente do corpo de policia Barbosa, delegado e commandante da força alli, reerutou-o; o homem apresentou a sua escusa do serviço militar, que de nada lhe valen, pois foi mettido no calabouço por espaço de um mez, findo os quaes, marchou com outros, para esta cidade, algemado, gastando 14 penosos dias de viagem.

—E chegando aqui?

—Foi solto, graças ao character justiceiro do commandante das armas.

—Então, o que mais quer?

—Pois é assim?!

E o prejuizo que soffreu o pobre homem em seus interesses, as privações por que passou, o constrangimento em sua liberdade, a fadiga de uma viagem, o aviltamento das algemas, como si fosse um criminoso?

So uma authoridade atrabiliaria e violenta, indigna de confiança, commette tamanha arbitrariedade contra a liberdade e direitos individuaes.

Arrancar ao labor de seu trabalho um cidadão que ja prestou á patria o contingente de serviço que ella lhe exigia, enclausural-o em immunda masmorra, por 30 dias, algemal-o e obrigar-o a uma marcha forçada de 80 leguas, como recruta; e tudo isso quando esse homem tem um papel que diz que elle nada mais tem com o exercito, porque ja prestou o serviço que lhe tocava!

Do que serve então descançar-se na garantia de um direito, si os malsins do governo podem rásgal-o a hora que lhes convenha?

—E no fim de contas dizem que somos um povo livre!

—Alem de que, com isso, o tenente Barbosa deu profunda facada nos cofres, ja tão magros.

—Tambem?

—Francisco Xavier, á vista da sua baixa, não servia para recruta, mas o tenente Barbosa caprixosamente conservou-o como tal, e

por tanto ganhando soldo do estado. E de facto recebeu duas quinzenas, porém chegando aqui foi solto e por tanto esse dinheiro desperdiçado; quem perdeu foram os cofres; quem soffreu foi o suor do povo.

—São desman los imperdoaveis; mas o governo não tem culpa dos excessos dos subalternos.

—Não diga semelhante blasphemia.

Onde está então a moralidade do governo, si não responsabilisa os seus serventes que abusam em seu nome, que valem-se da authoridade de que os revestiu, para atropellar o povo?

—Porém quer ouvir o resto?

Eu não sei de quem é o logro; e até acho o tenente Barbosa incapaz de pratical-o; mas o caso é que o pret de Francisco Xavier e seus companheiros recrutas ia completo, mas elles não recebiam integralmente o soldo.

—Isso só se pode averiguar interrogando aos recrutas.

—Si as travessuras dos moleques são coisa tão diminuta, que não merece a attenção da policia, bem vezes ellas tem funestissimo desfecho.

—Está que no domingo quasi dá-se um caso bem fatal.

Os moleques perseguiam, á pedradas, um preto velho, na rua do Bangala, uma pedra varou pela janella do Sr. Chaves, e foi empregar-se na mão do mesmo, o qual, por felicidade teve tempo de desviar-se um pouco, de sorte a não soffrer todo o effeito da pedrada.

—A despeito do persieo e obstinado antagonismo do governo á causa da emancipação servil, a vontade nacional vae se pronunciando.

—So neste paiz se dá o facto de governarem ministros em declarada reluctancia ás aspirações da opinião publica.

—A manifestação nas provincias falla eloquentemente.

—Agora mesms eis uma prova evidente.

O Sr. Dr. João Garcez dos Santos em uma carta ao presidente da sociedade Libertadora Sete de Setembro, acaba de declarar livres os ventres de suas escravas no seguinte trecho:

«Para o seu progresso, e prova de meus reaes sentimentos, resolvo fazer effectiva a liberdade do ventre de minhas escravas, dando na qualidade de padrinho de todos os seus filhos na pia do baptismo religioso o baptismo da liberdade civil; com o compromisso de os tratar e zelar até a idade de vinte annos.»

—Magnifico!

O christianismo não tem por missão nivellear para baixo a sociedade, mas do nivel-la para cima.

O captivo negro e maltrapilho e o impe-

rador sagrado, tem ambos a mesmo origem e fim.

—Capitão, V. Ex. concede que eu dirija ao Dr. Gareez um cordial cumprimento e voto de homenagem á philantropia de suas ideas á respeito do trabalho livre?

—Com summo gosto.

—Bom; não era de esperar outra cousa de V. Ex.

—Quem é aquella rapariga que ali vae carregando um grande taboleiro de vendas?

—E' escrava da viuva D. Anna Joaquina Ferreira Dias; chama-se Chrispiniana.

—No entanto que os *bocorios* dizem que ella é forra e tem até a carta passada em notas, desde a vida do Joaquim Ferreira Dias, marido da Sra. D. Joaquina.

—Olhe que talvez V. esteja enganado com essa rapariga, pode ser que não seja d'essa de quem fallam os *bocorios*.

—Onde mora a tal viuva?

—Mora ali para o forte de Santo Alberto, freguezia do Pilar.

As vezes dizem cousas que são mentirosas!

—Pelo sim, pelo não, será bom que o Sr. Dr. chefe de policia syndique o facto, afim de ver se ha n'ella algum fundo de verdade, fazendo, á ser real, a infeliz Chrispiniana entrar no gozo de sua liberdade!

—Sim, e é de esperar que o Sr. Dr. Cicero d'Assis, segundo o seu caracter de authoridade energica e justiceira, empregará os meios precisos para o descobrimento da verdade, mostrando-se assim em pró da causa da infeliz!

—Esperemos!

À PEDIDO

—Capitão, no dia 17, um Gregorio, que tem loja de miudezas na rua Direita de Palacio, sahio com um amigo á passeiar pela Estrada Nova, e encontrou uma moça, á quem elle dirigira uma graça, e esta se requebrando os acompanhou.

Chegando em certa altura, a moça os largou e tomou para um lado da estrada onde se achava um sujeito embuçado em um capote.

O Gregorio, por gracêjo, disse:

«Pois V. deixa dous homens de bem por um embuçado?»

Dito isto, continuou em seu pssscio, quando ja muito distante do logar, se lhe apresentou o musico de policia de nome Fernandes, e deu-lhe voz de prisão.

Surprehendido o homem com a voz de prisão, perguntou-lhe porquerasão ia preso, e

o musico respondeu que por o ter chamado — *moreégo*.

—Mas elle se entregou a prisão?

—Entregou-se, e ainda massou-se em andar a baixo e acima em procura da patrulha para o conduzir, até que o subdelegado da Sé os encontrando e syndicando o facto, o mandou embora.

—Ainda ha gente muito pateta! Ora si eu, n'um caso deste, não fazia logo o musico cheirar *rosas*...

—Eu só lhe sei dizer que ha cousas nesta terra de fazer cahir o queixo!

—Fôra bobo! Fôra namorado sal-presô!

Fiau! fiau!

Prhut! prhut!

—Em quem será esta horrenda vaia?

—Naquelle pedaço d'asno, caixeiro do armazem, que vive a namorar a menina do primeiro andar defronte.

—Então esse lorpa não tem em que se ocupe?

—Deixa a obrigação do amo e põe-se na porta do *armazem* em risco de ficar *moreno* com o calor do sol, para fazer pestanejos.

—Que toleirão!

—O *Manuel* que mora em *S. José*, e que sempre está aqui no *Caes do Ouro* com o *Azevedo*, é que tem apreciado bons pedacinhos do tal biltre.

—E' preciso fazer ver ao amo para o chamar á ordem, porque o publico não está para aturar disfructes de um pateta.

PARA S. EX. O SR. DR. CHEFE DE POLICIA, E O PUBLICO SENSATO DESTA CAPITAL, LEREM E JULGAREM.

Senhores redactores.—Deparando em seu digno periodico o *Alabama*, com o officio dirigido em 15 do corrente ao Exm. Sr. Dr. chefe de policia, e publicado em 16 neste mesmo periodico, em que VV. sob falsas informações dadas por meus sigadaes inimigos, pedem a aquella authoridade para syndicar sob os factos ahi narrados, e não querendo, que sobre minha cabeça recaha qualquer suspeita, quanto mais a pratica da actos criminosos, rogo encarecidamente e VV. publiquem no seu conceituado periodico a minha defeza, pois a verdade pura é a seguinte:

Esses ossos, de que se tracta, são do finado Bernardino Martins d'Andrade, que foram tirados da Quinta dos Lazaros, aonde fôra sepultado em carceiro da V. O. 3.^a de S. Francisco, mediante licença de S. Ex. Rym. como melhor comprova o documento em primeiro logar, á pedido de D. Umbelina Martins

de Andrade, encarregando-me ella como viuva d'aquelle finado, a exumação desses ossos, afim de serem trasladados para a egreja da O. 3.^a da SS. Trindade; mas acontecendo que depois da exumação, exhalassem mau cheiro, e não estivessem capazes para serem lavados e limpos, trouxe-os para casa, e enterrei-os no quintal, para desenterra-los depois de alguns dias, e com mais facilidade lava-los e limpá-los.

O que exactamente fiz, depositando-os n'aquella O. 3.^a onde existem.

D'aqui se vê. que esses ossos não pertencem a parente meu, como falsa e aleivosamente lhes informaram esses meus detractores, sequiosos por me verem curvado a novos trabalhos.

Quanto ao desaparecimento de meu sobrinho Joaquim de Pinna Albuquerque, de que tambem me fazem carga, e documento em segundo logar exuberantemente prova, que elle retirou-se desta cidade para Lisboa, a tractar de sua saude.

E quanto á minha mulher, que, mal aconselhada por seus proprios parentes, deixou a minha companhia, nada digo; porque a honra me faz calar, e nem mesmo a ninguem é permittido devassar o interior das casas particulares, quanto mais leval-o ao alto da imprensa, cuja instituição foi unicamente para moralisar, e não desmoralisar a sociedade, como infelizmente acontece hoje no seculo das luzes.

De tudo, quanto tenho expendido, verão VV. que em vez de ser criminoso, sou innocente; e por isso espero ser julgado, como fôr de razão e justiça.

Bahia 21 de setembro de 1869.

José de Albuquerque Lisboa.

DOCUMENTOS.

Illm. Sr. ministro da Veneravel O. 3.^a de S. Francisco.—José de Albuquerque Lisboa precisa que V. S. lhe mande passar por certidão o despacho que teve desta Illma. Meza, para extrahir os ossos do finado irmão Bernardino Martins de Andrade, para serem collocados na O. 3. da SS. Trindade, por tanto

P. a V. S. lhe defira na forma seguinte.—E. R. Mee.—Bahia 17 de setembro de 1869.—*José de Albuquerque Lisboa.*

Passo. Bahia 17 de setembro de 1869.—*Maltez, ministro.*

Manuel Pinheiro de Sousa, secretario actual desta Veneravel O. 3. de S. Francisco.

Certifico que, dos livros a meu cargo nesta secretaria, consta do livro decimo primeiro de obitos a f. 273, haver fallecido o irmão desta V. O. Bernardino Martins de Andrade,

no dia cinco de janeiro de 1866, e sendo o cadaver encomendado na egreja da mesma O., foi sepultado no cemiterio de santa Izabel, no carneiro n.º 56.

Em 19 de abril de 1868, requerendo á Meza a viuva do dito irmão, D. Umbelina Martins de Andrade, pedindo permissão para extrahir os ossos de seu marido, para deposital-os na egreja da V. O. 3. da SS. Trindade e isto por licença do S. Ex. Revm. teve por despacho—Como requer. logo que complete dous annos e meio, como exige a lei em vigor; como tudo consta do livro 1. do despachos a f. 190 verso.

E' o que consta dos livros á meu cargo, aos quaes me reporto. Bahia e secretaria da V. O. 3 de S. Francisco 17 de setembro de 1869. O secretario.—*Manuel Pinheiro de Souza.*

Illm. Sr. presidente da real sociedade de Beneficencia Dezeseis de Setembro.—José de Albuquerque Lisboa, precisa a bem de seu direito que V. S. lhe mande passar por certidão o que constar a respeito do socio desta real sociedade, Joaquim de Pinna Albuquerque na sua saída para Lisboa, no brique portuquez *Vencedor* em 9 de junho de 1864.

P. a V. S. defirimento.—E. R. M.—Bahia 20 de setembro de 1869.—*José de Albuquerque Lisboa.*

Ao secretario para mandar certificar não havendo inconveniente. Bahia 20 de setembro de 1869.—O presidente, *Costa Pinto.*

Não havendo inconveniente, passe o Sr. escriptuario a certidão pedida. Bahia 20 de setembro de 1869.—O secretario, *Manuel Ferreira Barbosa.*

Em cumprimento do despacho supra, revendo os documentos do archivo desta real sociedade, consta da acta da sessão do conselho directorio, em 27 de abril de 1864, o seguinte: o socio Joaquim de Pinna Albuquerque, requereu para se lhe ministrarem meios em vista de seu melindroso estado de saude, para retirar-se para Portugal em navio de vela; foram encarregados os membros Henrique e Carvalho Bastos, para decidirem sobre a quantia que lhe deve ser suprida attendendo não so ao seu estado como as suas precisões. Documento n.º 106.

Illm. Sr. presidente e mais membros da sociedade de Beneficencia 16 de Setembro. Joaquim de Penna e Albuquerque achando-se gravemente doente e exaustos de meios para poder effectuar uma viagem a Portugal, que os facultativos lhe mandam fazer; vem valer-se desta beneficente sociedade para que haja de prestar-lhe os soccorros que precisa

e pagar-lhe a passagem para o Porto, no primeiro navio de vella que d'aqui sair.—D.G. de a VV. SS. por muitos annos.—Bahia 26 de abril de 1864.—Joaquim de Pinna Albuquerque.

Despacho.

Aos Srs. Henrique José Fernando e José da Cunha Carvalho Bastos.

Decisão da commissão.

Alem da passagem que está justa por cento e quarenta mil reis, entendemos que deve dar-se mais ao supplicante cincoenta mil reis, para seus arranjos de viagem e desembarque.—Bahia 30 de maio de 1864.—Henrique José Fernandes, José da Cunha Carvalho Bastos.

Recibo do capitão do navio.

Recibi do Sr. presidente e mais membros da sociedade de Beneficencia Dezeséis de Setembro a quantia de cento e quarenta mil reis pela passagem do socio Joaquim de Penna Albuquerque, afim de ser conduzido a Portugal no brigue portuguez *Vencedor*.—Bahia 30 de maio.—José Joaquim da Roza.

O que certifico que copiei fielmente dos documentos originaes. Bahia 21 de setembro de 1868.—José Joaquim de Miranda, escripturario.

Jovino Antonio, africano liberto, morador na freguezia do Pilar, vale-se da imprensa para protestar perante o publico e o Sr. Dr. chefe de policia, contra qualquer aggressão que soffra em sua pessoa; e declara que o unico desafecto com que conta é o Sr. Antonio Pedro da Silva, com quem acabou de ter uma questão ao juizo municipal da 3.^a vara. Bahia 21 de setembro de 1869.

—O mez de Maria no Bomfim tem sido muito consorrido.

—Andei por la uma noite.

—Rapazeada por *riba do tempo*.

—Bem vê que onde ha moças, elles andam aos enxames.

—Mas que escandalo!

—Não deixei de reparar; o namoro rola sem reserva.

—Não olham para Deus. Os rapazes ficam embebidos nas moças e estas enlevadas nelles.

—Escandalo egual só da N. N. recebendo cartas dentro do templo sagrado, de um tafful que tem a cara *brochada* e do *Julio*.

Pede-se ao Sr. Bahia, subdelegado de Brotas, que declare o motivo porque conservou preso, por 24 horas, ao portuguez Manuel Ferro, morador ao Castro Neves, o qual, vendose roubado em suas creações, fôra se quei-

xar a S. S., que não providenciou, e sendo dahi ha pouco chamado pelo ordenança para ir á sua presença. no caminho foi, a falsa fé, levado para a Correção, d'onle sabiu por pedido de um outro portuguez com venda ao Caquende; e fez que com que o referido Manuel se madasse para a freguezia de Santa Anna?

—Capitão, V. Ex. como mais entendido do que eu explique-me.

—O que?

—Si ha abuso d'authoridade neste facto.

O africano Joaquim, pae de terreiro n'uma *Chacara das Devotas* arrombou a casa de uma pobre mulher de nome Joanna Maria, arrancou a fechadura, substituiu-a por outra de que se apossou, assim como de tudo que ella possuia, pelo motivo de se achar ella devendo as rendas da terra e ter sahido á negocio.

Reccorreu a authoridade competente, mas sua queixa foi abafada; reclamou de novo e sua petição não foi attendida.

Ora, dizem as más linguas que o africano tem grande privança com a authoridade; que, quando quer bater o candomblê mimosea-o com presentes no valor de cem a duzentos mil reis, além dos intervallos, uma vez por outra; que, além disso a tal authoridade é ce-go apologista do *santo mulum*, apresentando-se com sua familia quando ha brinquedo, e que por essas razões a pobre mulher não obteve justiça e o africano ficou fanfando.

—Mas quem é essa authoridade?

—É um subdelegado.

—De que logar.

—Daqui.

—Daqui de onde?

—O subdelegado é daqui da Bahia mesmo, capitão.

—Valha-te a Mãe de Deus das Brotas, com semelhante cabeça.

Uma provincia com tantos subdelegados, como esta, va eu advinhar.

—Ora, capitão, quer mais claro...

—Tome um conselho!

Retire-se que eu não estou disposto agora a advinhar.

—Capitão!

—O que quer?

—Venho desabafar-me um pouco com V. Ex. contando-lho as proezas de uma depravada meretriz e de seu azeteiro.

—Vamos la com esse masso.

—Si V. Ex. acha que o venho massar, retire-me!

—Não, fique e desabafe-se.

—O Luiz, que tem relações do parentesco com o Maximiano, o que tem sorvido de *cuha* para muita gente...

—Será um que mora na ladeira onde se plantou uma gameleira?

—E' esse mesmo.

—.....vendo suas irmans sempre insultadas pela cabra Ursulina, procurou o major cõr de barro, que é o subdelegado da freguezia do *Chaveiro do Ceo* o queixou-se a elle.

O subdelegado depois de ouvir o Luiz, prometteu-lhe que iria á casa d'ella indagar o facto e providenciar.

Como porem continuassem os insultos, voltou a elle o Luiz e renovou a sua queixa; e foi então que o subdelegado mandou o cabo do primeiro quartirão, a patrulha e o seu ordenança a casa da cuja, que se dignou falar a todos de dentro do quarto, onde se achava o seu azeteiro.

—Mas V. ainda não me disse o nome desse azeteiro?

—V. Ex. conhece o *Agostinho*?

—O primo do *Silva*, não é isso?

—Não sei si é primo d'elle.

—Não é um que entretém relações de amizade com o *Paranhos*?

—*Aquíqui*.

—Conheço-o muito; vamos adiante.

—Pois bem: esse *caponejador*, tomando as dores pela sua *dulcinea*, ameaçou céus e terra, por não serem as oito horas da noite, horas proprias da auctoridade mandar em casa de um *cidadão*!

—Note V. Ex, que a casa é da meretriz de quem é elle, como ja disse; *caponejador*.

No dia 15 de agosto, depois das cinco horas da tarde, descia pela ladeira para a casa aos bofetões com a sua querida *amparina*, o que foi presenciado por muita gente e pelos vi sinhos.

—Vou mandar buscar esses dous personagens modelos da *moralidade*, para entreter o rigoroso *infano* do muxingueiro.

—Será verdade, que, aqui ha tempos, tendo de ir á praça uma apropriedade do Sacramento da Sé, fõra arrematada um dia antes do annuciado.

— Responda quem souber.

VARIÉDADES

Em uma assembléa legislativa, n'um dia de sessão um pouco tumultuosa, queixava-se um deputado, dizendo:

—E' notavel a falta de ordem! Ninguem se pode entender na sala; não se ouve nada; até ja tenho votado tres vezes sem saber sobre que.

Certo escrivão, que havia sido official da milicia, tinha ja dado baixa do serviço. Mas ignorando isso um individuo, que trazia um negocio no seu cartorio, julgou acertado presentear-o com uma espada. O homem considerando o mimo, disse para o pretendente: —«Meu amigo, si quer fazer vaza, pache por ouros, porque eu ja renunciei ás espadas.»

TRANSCRIPÇÃO

Da carta original que um prior de Carnaxide escreveu ao marquez de Marialva, D. Diogo de Menezes, dando-lhe os pezames pela morte de seu pae, e cujo theor é o seguinte:

Exm. Sr.—Que o senhor seu pae é morto, não ha duvida certa; Deus queira, que não seja cousa de cuidado. Sinto muito, tudo o que Deus ordena, mas sempre o diabo leva, quem a gente mais estima. O melhor de tudo é não nos mettermos nos juizos de Deus.

De V. Ex., capellão humilde servo,

Fr. Prior de Carnaxide.

P. S. Não lembro a V. Ex., que seu pae me dava um cavallo da casa real, porque estou certo, que em quanto V. Ex. viver, terei cavallo em que me monte.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 96 e 97 do—**ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS

ATENÇÃO.

Roga-se a todos os senhores que tiverem debitos vencidos no escriptorio—**MONTE-SOCCORRO**—queiram vir reformal-os ou resgatarem seus penhores, do contrario serão vendidos em leilão.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude, na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 36

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

25 DE SETEMBRO DE 1869.

N. 555.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*,
24 de setembro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. inspector da saude publica, pedindo permissão para lembrar-lhe que muito soffre a saude publica com uma fabrica de vellas de carnaúba, no Pilar, estabelecida ao pé da casa do vigario; e sendo que S. S. ache justa a remoção da mesma, pede se-lhe que promova os meios para que isso se effectue.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da freguezia de Sant'Anna, participando-lhe que os moradores do sobrado contiguo á capella do Senhor dos Passos dos Humildes, atiram agua podre e outras porcarias pelas janellas para cima do telhado da dita capella.

Ora sendo, isto, no entender de qualquer catholico, ante-religioso, leva-se ao conhecimento de S. S. para proceder como julgar conveniente.

—Esmola para S. Cosme e S. Damião é o que se ouve estes dias na bocca das mulheres da rua.

—Umas pedem por superstição, outras por especulação.

—Por todo becco se encontra uma creoula requebrada, ou uma beata delambida atracada com uma boceta ou um tabolleirinho no qual vão duas figurinhas, objectos de sua devoção.

—Mas uma devoção phanatica, estúpida e grosseira.

—Quiabo; azeite, toucinho, tudo serve; porque, acreditam ellas, os taes santinhos comem.

—E esses abusos vão degenerando o culto.

—E o clero vê isso e cala-se.

Os vigarios que tem obrigação de vellarem por suas ovelhas, as deixam desgarradas em tão grosseiro erro.

—E' que depois do *batucajé*, do *carurú* e da *gallinha* no azeite para os santos comerem, fica sempre alguma coisa para uma missa.

—O interesse dos padres tem substituido as formulas, pelos principios, as exterioridades cheias de pompas arrebatadoras pelas regras de fé.

—E é por isso, que a Virgem Maria, mulher bendita, é adorada, venerada e sanctificada debaixo de muitos appellidos, sendo com uns mais milagrosa que com outros.

—Mas si os padres, que tem obrigação de instruir ao povo, o deixa cahir na idolatria de acreditarem que duas figuras de pau são capazes de tragar qualquer alimento, ao menos a policia tenha mão nessa sucia de pedintes que andam por abi especulando com S. Cosme e Damião.

—Em que consiste a differença de uma cobra para um homem politico?

—Não posso atinar.

—E' por que a cobra mata de pelle uma

vez no anno e o homem politico muda de ideia a cada momento.

—Capitão, o Parognay tambem tom suas heroínas que defendem o solo natal, tanto como os homens:

—Não ha nada de admirar.

—Pelo menos conta o correspondente do *Jornal do Commercio*, o seguinte:

—Por fallar nesta parte do bello sexo americano, declararei que nos combates de Peribebuy e Barreiro-guassu combateram tambem com garrafas e pedras contra nós. Um dos officiaes brazileiros teve o rosto cortado por uma garrafada em Peribebuy. Em Sapucahy ou Sapucaia, como outros dizem, foi encontrada uma mulher «Tenenta,» de espada a cinta. Se não se encontram entre as paraguayas nenhuma Carlota Corday, ha muitas Joannas d'Arc.

—Capitão, houve um lamentavel desastre no exercito.

—Algum revez contra nós?

—Um caso de commover a todos os corações humanos.

Ouçã como se deu:

Em Humaitá, no dia 2o do corrente, houve um desastre. Tratavam de arrumar umas granadas carregadas alguns de nossos soldados. Ao attrito de uma com outra granada de fricção, ou pela fatal ponta de charuto, houve uma terrivel explosão, que matou instantaneamente todos os soldados que se achavam naquelle trabalho. Como não ficou viva nem uma testemunha do acontecimento, não se sabe o motivo que foi a verdadeira causa da explosão. Um estilhaço de bomba, que foi ao longe, feriu um soldado que se achava na porta do deposito de munições.

À PEDIDO

—Capitão, vou lhe contar uma proeza de certo delegado.

—Em bons lençoes se vai V. metter?

Bolir com gente de policia.

—Eu ca não tenho considerações com trahentes, pertença elle á qualquer gerarchia ou classe.

E creio que V. Ex. é de meus principios.

—Não ha duvida.

—Então sem mais preambulos.

Havia no logar aonde se deu este facto um homem laborioso, o qual, a força de um trabalho honesto, adquiriu suas patacas.

Chamavam-no o *João Pretinho*, devido talvez á cor morena ou fusca que tinha.

Possuia uma venda bem sortida e negociava em pedras.

—Preciosas?

—Isso é que não lhe scí dizer.

Um dia o delegado tirou-se de seus cuidados e encaminhou-se para a venda do pacifico homem, a quem deu a voz de prisão.

Este ficou estupefacto por não saber o que dava causa a ser preso.

Preso o homem fechou sua venda, de onde

apenas teve tempo de tirar 300 rs, e o delegado apossou-se das chaves da casa do homem.

—Para guardal-a melhor.

—V. Ex. vai ver.

Dois dias depois de homem estar trançado na enxovia foram-lhe entregue as chaves.

—Excellent!

—Averiguadas as cousas, o homem não tinha crime e foi solto, mais voltando para sua casa achou-a em arvore secca!

—O tal delegado é um typo de inapreciavel honestidade.

Si isto não se desse em Latronopolis, si na Bahia houvesse um homem assim ninguem mais azado para o governo lançar para ir conter aquelles desastrados revoltosos da Chapada, por que com aquella gente so um destes.

—Capitão, V. Ex. fallou no Marques do saveiro, e esqueceu-se do Raphael.

—Quem é elle?

—Um cavalleiro de industria que se intitula inspector de quarteirão para garantir os roubos que o Marques conduz.

—Vou mandar recommendal-o á attenção policial para ser filado na primeira estrepolia que fizer.

Um bobo, um tolo, um pedante,
Um refinado camello,
Nascido p'ra carregar
Pesada carga no pello;

Si ha de cuidar em fazer
O serviço do patrão,
Metten-se a namorar
Co'a maior descaração.

Na rua do Caes do Ouro
Da porta, de um *armazem*,
Cujos dono é *moreno*,
E' que se aprecia bem.

O bruto faz gatimanhas,
Faz acenos, macaquices,
Pede beijos, dá abraços,
E outras que taes tolices

Eu não sei seu nome tolo,
Que não pode ser *Mané*,
Dizem que é *Azevedo*,
Porem antes tem *Zeze*.

Sr. redactor.—Lendo, no *Alabama* de hontem, uma declaração do preto africano, liberto, Jovino Antonio, morador na freguezia do Pilar, chamando a attenção do publico, e do Sr. Dr. chefe de policia contra mim, por me suppor author de aggressões contra sua pessoa, ou por me suppor tentar fazer

H'as, em razão de uma questão que commigo tivera perante o Sr. Dr. juiz municipal da 3.ª vara d'esta cidade; cumpre-me desde já declarar, que protesto contra semelhante insinuação odiosa ao meu caracter e dignidade, pois que pelos meus habitos pacificos e de trabalho, sou incapaz de qualquer offensa, ou aggressão contra qualquer individuo.

Antonio Pedro da Silva.

FORA JESUITA.

CANÇÃO POPULAR.

(Para ser cantada na musica da canção final
—Ohé! ohé! ohé!—da «Noite de Carnaval.»

Que homens negros e sinistros
São aquelles que ali vêm?

De Loyla são ministros,
Do demonio irmãos tambem!

Ohé! ohé! ohé!

Todo o povo grita:

—Fóra jesuita!

Entre o povo,—christão velho,—

Vem pregar doutrinas más!

Querem vêr, á pêa e reího,
Ir a patria para traz.

Ohé! ohé! ohé!

Todo o povo grita:

—Fóra jesuita!

Nos vestidos e nos gestos

Affectar sabem virtude!

Que tartufos manifestos!

A apparencia sempre illude.

Ohé! ohé! ohé!

Todo o povo grita:

—Fóra jesuitas!

De seus peitos entrem dentro,

Que hão de vêr o que ha por lá!

A alma delles sempre é centro

De paixões que o demo dá!

Ohé! ohé! ohé!

Todo o povo grita:

—Fóra jesuita:

Urubús de terra estranha,

Vem em busca de carniça:

Negro bando que se assaulha

Por ouvir fallar em missa!

Ohé! ohé! ohé!

Todo o povo grita:

—Fóra jesuita!

Que cambada de marrecos!

Pega nelles pr'a captar!

Vam-se embora os taes padrecos,—

Que hão de todos se calar!

Ohé! ohé! ohé!

Todo o povo grita:

—Fóra jesuita!

Abril de 69.

J. Valjean.

—O Mariquinhas caxeiro do *Adão* continúa a dar-se a desfructe na rua dos Gattos e rua do Tijollo.

Esse macaco de cheiro dá espectáculo desde ás 8 horas da manhã até as 6 da tarde.

Dessa hora em diante muda de ponto e vae se dar a petisco na rua *Tortado Paç.* De uma loja de cigarros n.º 39, põe-se a bolir com uma pardinha do 2.º andar do sobrado de azulejos.

—Ah! biltre, sí o dono da casa um dia te dá uma corra de mangoal.

—Ou um clyster de abobora:

—Gallego Joaquim toma sentido.

Vae surtindo a tua venda de Taboão com os continuados roubos que a cada hora recibes peia porta da rua dos Droguistas e não te mettas com quem se não lembra de ti.

Refreia essa viperina lingua.

Olha, que quem deve a Deus paga ao diabo.

E' a ultima advertencia que se te faz.

Sr. capitão.—A 14 do passado chegou ao sangradouro as dez horas da noite, o tal director pastoril para dar principio ao pigode; desta vez não levou bandurra e sim taboca rachada; lá é que foi pedir um violão ao ditoeujo a quem ja tinha pedido no dia 8 e para agradal-o cantou uma modinha. Depois de uma pequena disputa, começou a pandega; e diversas sandes appareceram a presentes e ausentes, até mesmo áquelle que por todos é *escurraçada*. O tal director avançou sobre uma frigideira, que foi um acabar de miseria; nunca se viu cousa assim; depois do que o valente guerreiro foi atacado de uma somnolencia que só deu accordo de si na hora do lundu. Muitos discursos. Um celebre voluntario tomou tão formidavel borracheira que nada respeitava. Emfim reservando um guarda que la estava e as meninas, tudo ficou baleado; e o resto do sermão fica para outra vez.

O Cumieira.

SONETO.

Eu vi certa yaya n'uma janella,
Dengoza, tão faceira e tão galante,
Que logo sem querer no mesmo instante,
Captivo me tornei todo por ella.

Fui logo declarando e sem cautella,
Que era honra p'ra mim ser seu amante,
E ella respondeu muito chibante;
«Va se embora dahi, Sr. tagarella.»

Rallou por muito tempo: até que enfim
A fina e doce mão deixou beijar
Somente p'ra se vêr livre de mim.

Tomara eu sempre destas encontrar,
Que embora tudo meu ache ruim,
Um beijo por desprezo queira dar.

—Lê-se na *America do Sul*.

Os Srs. ministros da fazenda e justiça apregoam-se typos de probidade em materia de dinheiros publicos; e, apesar de solidarios os ministros de um ministerio em assumptos de moralidade intendentos com os dinheiros do thesouro, procuram descar-tar-se da responsabilidade que lhes possa ca-ber com os escandolos do ministerio da *in-dustria e artes*.

Pois bem: para que esses Srs. se possam mostrar, graças a algum acto de energia, de facto, inimigos da prevaricação ou roubo dos *dinheiros do Estado*, provocamos á que fa-çam proceder como de direito e criminal-mente for, contra *um quartel-mestre* de um certo batalhão de voluntarios, (o 40º) que ex-traviou o producto de um *pret* de mez do anno de 1868, no valor *insignificante de doze contos de réis!*

Desse *pret* estão ainda desembolçadas as praças respectivas; e tendo na época do extravio o tal quartel-mestre dito haver per-dido o dinheiro que *estava guardado*, por oc-casião, *não sabemos de que conflicto* com o inimigo, *desappareceu*.

Nesse tempo inculcou-se que o homem havia sido *tomado pelos paraguayos, e succum-bido*.

Deixou-se esquecer a historia, e como o homem tinha protecção, *por tabella*, do com-mando em chefe de então, (era o Sr. duque de Caxias!) não se fallou mais no negocio, e os pobres martyres soldados ficaram sem o seu dinheiro.

Entretanto a verdade é: que o tal quartel-mestre perdeu esse dinheiro *no jogo*, com *al-guns empregados da pagadoria*, e tendo por-algum tempo se occultado para fazer esque-cer a historia, está agora em Montevideu fazendo proezas.

O Sr. ministro da guerra deve saber desta historia; e si a ignorar, peça informações ao Sr. de Caxias ou antes ao digno comman-dante em chefe do exercito actualmente que ha de tel-as completas.

Terão os Srs. ministros actuaes *coragem* de bolir com *esta casa de marimbondos!*?

Por hoje terminamos; mas naturalmente volveremos á especie, que é mais importante do que poderá parecer!

ATTENÇÃO.

Pergunta innocente:

Com que direito o juiz *Valete de Copas*, se

anima a involver-se no intimo das familias de seu termo..., trazendo assim o discreto de gente muito superior?

Em outra occasião explicará isso o

Ilheu.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 98 e 99 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

SOCIEDADE HUMANITARIA ABOLOCIO-NISTA.

De ordem do concelho convido aos Srs. socios e mais pessoas que queiram inscrever-se, a comparecerem, domingo 26 do corrente, as 10 horas da manhan, na sala das ses-sões da sociedade, em casa do Sr. coronel Carvalho, á Praça dos Veteranos da Inde-pendencia, afim de assistirem a inauguração da mesma sociedade. Bahia 24 de setembro de 1869.—O 1.º secretario, *Joaquim Cas-siano Hypolito*.

Quem precisar de una senhora para ser-viço de uma casa de pequena familia ou para zelar meninos, dirija-se ao Largo do Terreiro, casa n.º 27.

TRAÇOS E SOMBRAS

OU PEQUENO ESBOÇO DAS BELLEZAS DA BAHIA.

Poema satyrico por um pintor brasileiro.

Primeiro quadro.

Acha-se a venda, pelo preço de mil reis cada exemplar, em casa dos Srs:

Catilina, á rua Nova do Commercio n. 11.

F. Queirolo, idem idem, n. 21.

Firmino, rua direita de Palacio n. 39.

Laurentino, idem idem, n. 41.

Ludovico, Atraz da Sé n. 16.

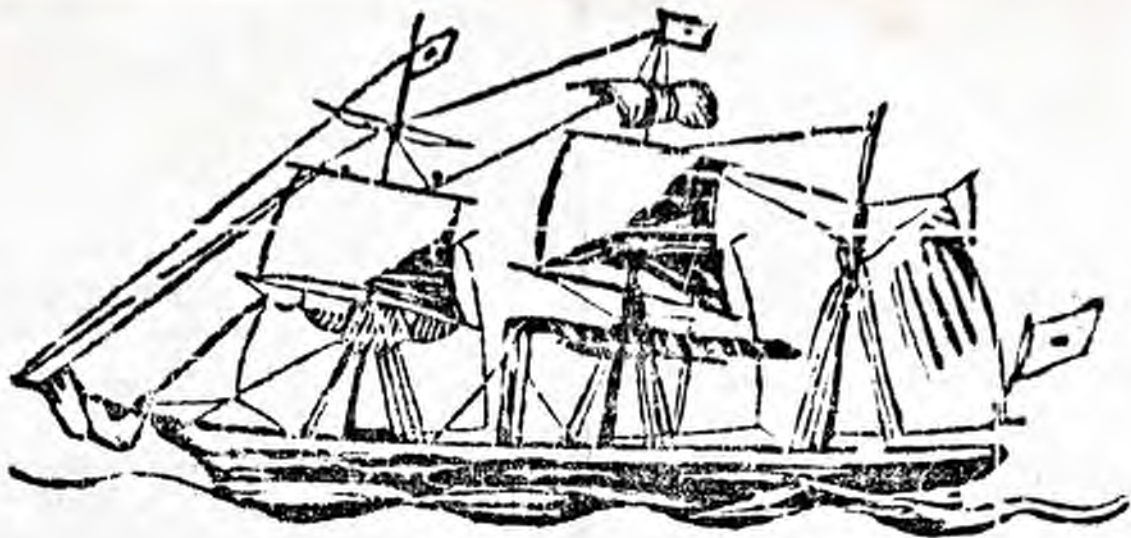
MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORI-SAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soc-corro**—estabellecido á rua Direita da Miseri-cordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer em-prestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

ATTENÇÃO.

Roga-se a todos os senhores que tiverem debitos vencidos no escriptorio—MONTE-SOC-CORRO—queiram vir reformal-os ou resgatarem seus penhores, do contrario serão vendidos em leilão.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 36

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

29 DE SETEMBRO DE 1869.

N. 556.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*,
28 de setembro de 1869.

Não houve expediente.

—Capitão, no domingo teve lugar, como noticiaram as gazetas desta cidade, a inauguração da sociedade Humanitaria Abolicionista, em casa do Sr. coronel Carvalho.

O acto esteve solemne e concorrido.

Foram ali representadas por suas commissoes as sociedades libertadora Sete de Setembro, Beneficente Italiana, Campeзина, Terpsycore e Instituto Litterario de Minerva.

A sociedade Beneficente Italiana libertou uma creoulinha de 3 annos de idade, de nome Corina, em nome da sociedade Humanitaria Abolicionista.

O Sr. Austriiliano Francisco Coelho, membro da direcção da sociedade Humanitaria Abolicionista, offereceu-se para encarregar-se da educação desta criança.

—Honra a essa associação de estrangeiros, que comprehendendo o quanto é sublime e santo a liberdade, contribuiu tambem com sua pedra para o alicerce do magestoso edificio que se está levantando.

—Foi apresentado um menino, remettido de Cachoeira ao Sr. coronel Carvalho, com 71\$000 que tinha obtido la para sua liberdade; o mesmo Sr. correu a bolsa de charidade

em seu favor e obteve d'entre os socios 53\$000; o Sr. Dr. José Luiz d'Almeida Couto contribuiu com 37\$000, e como não prefizesse a quantia de 200\$, valor que pedia a senhora da creança por sua liberdade, uma Exma. filha do Sr. Carvalho prefiz esta quantia dando 39\$000.

Além d'essas duas alforrias, o Sr. Franklin Cezar da Silva Lima apresentou uma menina, em favor da liberdade da qual havia agenciado 120\$, pedindo o concurso da sociedade, assim de que ella, á seus dignos esforços, prefizesse a quantia de 300\$, requerida pelo senhor da mesma, ao que accedeu a sociedade, cotisando-se immediatamente entre seus socios, e compromettendo-se a dar-lhe a liberdade.

—Estou entusiasmado!

—Appareceu lá uma rapariga com duas meninas, gémeas, de 8 mezes de idade, com um papel na mão, contendo o seguinte:

«D. Polydora Clodoalda Grave de Menezes quer pelas duas crias, Maria Cosma e Maria Damiana, filhas de sua escrava Alexandrina, 200\$ por cada uma, se tiver logar agora a liberdade dellas, e 500\$ por ambas se isto houver de effectuar-se para o anno vindouro. Bahia 26 de setembro de 1839.—Polydora Clodoalda Grave de Menezes.»

—Oh! isto revolta! Como se impõe preço, e com condições tão exigentes, pela liberdade de duas crianças; como se merca de ja assim com a carne humana?!

Escandalo!!!

A maldição dos Ceus caia sobre a cabeça d'esses senhores vis mercenarios!

—A sociedade despachou a pretensão da Sra. D. Clodoalda da seguinte maneira:

«Não podo ter logar pela exorbitancia da quantia pedida.»

—Perdi o meu entusiasmo vendo a immposição interesseira d'essa senhora!

—Ora deixemos de parte a acção pouco louvavel della, e façamos votos á Aquelle que morreu na Cruz para nos libertar do captivo do demonio, pela a prosperidade e engrandecimento de tão nobre e phylantropica associação!

—Vivam os distinctos obreiros do santo edificio da liberdade!!!

—Viva! viva! viva!

—Capitão, na segunda-feira, no mez de Maria em S. Francisco, umas moças andaram ás bordoadas.

—Porque?

—Por causa de logar.

Entraram ellas acompanhadas de uma senhora ja de idade e queriam que as outras que estavam assentadas lhes dessem o logar em que se achavam, afim de sentarem-se; e como essas não quizessem ceder, ellas senta am-se-lhes no collo e então ali pegaram-se.

A velha que as acompanhava foi se metter em assentar-se tambem no collo de uma, esta metteu-lhe as mãos e a jogou sobre as grades, ficando ella com o *bique de prôa* bem convidado.

—Que taraseas! nem ao templo respeitam!

—Mas ellas nas desordens, diziam:

«Vossês como são moças de frade, entendem que devem ter o primeiro logar na igreja, não? Pois estão enganadas, a igreja é de todos!»

—Que escandalo dentro de um templo!

—Si não fosse isso eu não sabia que ellas eram moças de frade!

—Brigam as comadres, descobrem-se os compadres.

—Capitão, vi ha poucos dias um páinel, que é preciso o homem ter uma pedra em logar de coração para não se condoer.

—Em que logar?

—Na subdelegacia da Conceição da Praia.

—O que poderia ser?

—Uma mulher, de cerea de 55 a 60 annos, com as costas horriavelmente retalhadas e as carnes em quasi estado de putrefacção.

Dito não se crê: só visto para se fazer ideia do doloroso estado da misera captiva.

—Deve ser uma hyena o senhor dessa desgraçada.

—Dizem que é um homem cujo nome é a antithese perfeita do seu genio cannibal, pois não sabe ser *clemente* ante a fragilidade humana, quanto maia *perdoar* aos que erram.

—E vão ver que ha de ser tido por um homem virtuoso e honrado, ante esta sociedade polluta.

—Apezar dos flagieios, dos acoites, das costas escorrendo sangue, a sorte desta miseranda, informam-me, é menos acerba, do que a de outra desgraçada, que vive garroteada em um tronco, trucidada, martyrisada, e perecendo á mingoa no meio de atrozes tormentos.

—Nisto é que eu queria ver a bondade da policia; era em descobrir esses crimes horri-veis que se escondem debaixo dos tectos, apadrinhados pelos nomes dos que os praticam; queria vel-a ir a essas tocas arrancar as presas ás garras dos tigres sedentos de crueldades; que quanto ao mais, é historia.

—Capitão!

—O que pretende?

—Quer ouvir como o governo do Sr. D. Pedro 2.º trata aquelles que derramaram seu sangue em defeza deste paiz, que cartaram seu futuro, que se inutilisaram para sempre.

—Diga.

—Pois cuça e admire.

«Pedro Alexandrino de Lima, ex-praça do 1.º batalhão de infantaria, foi gravemente ferido na tomada de Kaporá, perdendo um braço, e ficando aleijado de outro. Foi reformado com 27700 mensaes e seguiu para sua provincia (Pernambuco).

—*Dous mil e setecentos mensaes; quatro vintens e dez reis por dia, que fartural...*

—«Não podendo subsistir com tão miseravel quantia, resolveu ir á cõrte requerer uma pensão. Para esse fim pediu á presidencia e commando das armas de sua provincia uma passagem e foi-lhe negada!»

Lima, dotado de força de vontade, resolveu vir por terra, e pondo em pratica seu projecto, acaba de chegar a cõrte, tendo gasto seis mezes na viagem! Por todo o caminho, esse homem, que invalidou-se no serviço da patria, foi esmolando a caridade publica!

Chegado a cõrte, apresentou-se ao quartel general do exercito e foi inspeccionado. Esse infeliz pretendia ir sabbado implorar a protecção de S. M. o Imperador.»

—Eis como se recompensa nesta nação os serviços daquelles que por ella tudo sacrificam.

—Este facto, não é mais do que um dos innumeros, que todos os os dias estamos pre-

senciando, e de que *provavelmente* S. M., o rei mais *liberal* e *illustrado* do mundo, deve ter conhecimento.

—É uma iniquidade destes maldictos arroceiros!

Carregam os animaes com pezo superior as suas forças; o que alem de ser uma crueldade para com os bichos, é um perigo imminente para a gente.

—Incuria, deleixo; de quem não sei.

—Na quinta feira, queria um destes nefandos tangedores, que um lazarento burro subisse a ladeira do Caminho Novo, esmagado ao pezo de enormes e compridas vigas. O animal estava exaustado e as varaneadas já não produziam effeito nas laceradas carnes.

O furioso carroceiro vomitava terriveis imprecações contra o pobre animal, o qual fustigado pelo pau que lhe batia no lombo, fez um supremo efforço para mover-se; não podendo resistir ao extraordinario peso da carga, foi por este levado de rastos e as vigas foram de encontro ao balcão da loja de José Bento da Silva, ao Caes Dourado, esmigalhando-o, e quasi matando uma menina de 5 annos!

—Que graça!

—A menina estaria na eternidade, a não ser um homem que ponde atiral-a para o fundo da loja, e o Sr. José Bento ficou com o prejuizo e rapou o susto.

—E estas cousas passam nesta terra como si fossem nada, e as providencias não apparecem!

—A policia larga de mão os moleques, e elles pintam a manta.

—Bagatellas, que não estão na altura dos attributos policiaes.

—Por isso mesmo é que no sabbado um delles deixou o outro sisudo no chão com uma pedrada.

—Aonde foi isso?

—No Cruzeiro.

—Ah, ahí mesmo, ha poucos dias, quebraram as vidraças do conego Brandão.

—Entretanto não sei o que fazem dous ou tres soldados de continuo a escorar as arvores do Terreiro.

—Si a policia se involvesse nestas futilidades, ao depois não se veria atrepalhada na cata de certos criminosos.

—Mas a pesada matrona enida de cousas mais graves e serias.

—Nem assim!

—O que está V. dizendo?

—Digo que nem por ter o fiscal provado a

imprudencia daquelles moradores, ha ve correção.

—A casa é a de numero 7?

—É.

—E os moradores?

—São os do segundo andar.

Não é nada, passava o fiscal Palerna, um destes dias aqui pela rua de D. Joé, e daquellas alturas atiraram-lhe uma capavira em que ficou mergulhado até o pescoço.

—Havia de ser um espectáculo grotesco.

—Na sexta-feira, foram daas senhoras: veio sobre ellas uma quartinha, que por felicidade foi lhes batter de lado.

—Que gente sem cuidado!

—No sabbado atiraram uma porção de vidros quebrados, que foram de encontro as saecadas do batineiro, e dahi saltaram sobre um moço que passava.

—Será habito dessa gente viver na chafornada?

—É o que parece.

—Mas que quer, o fiscal, que primeiro te-moa obra, deixou passar, entenderam que agracinha tinha apoio.

—O primeiro não foi elle; o costume é antigo, esses casos são os mais recentes.

—Com tudo; si elle fizesse seu dever, não continavam.

Á PEDIDO

—Ora, ha cousas que decididamente são enigmaticas!

O Sr. José Felippe, é um homem, cujo meio de vida conhecido, até certo tempo, era ser inspector de quartirão.

Hoje, o Sr. José Felippe não tem tambem samba.

Entretanto, o Sr. José Felippe, apresenta-se pelos trapiches e armazem a offerecer assucar de Nazareth, a 1\$500 rs. a arroba.

—A não ser na terra das facilidades, o Sr. José Felippe seria obrigado a declarar a procedencia de onde obteve o genero.

—Themoteo, minha senhora anda muito assustada; tu ja entregaste a carta ao sobrinho, que ella mandou?

—Não, Manuel, eu perdi!

—Pois olha a carta foi parar no Alabama, e dizem que va ser publicada, afim de que todos avaliem o procedimento de minha senhora.

—Estou perdido, o que ha de ser de mim?

—Por meu senhor velho, não, que é de bom genio, não dá cavaco, cochila, cochila e põe-se a dormir.

—Themoteo, é muito feio a maneira por

que minha senhora se porta na janella, de noite, fora de horas, porque embora seja com seu sobrinho, todavia as más linguas não querem saber d'isso!

—Manuel, cale a bocca, eu não quero ser surrado!

—Olhe que bobo; acabou-se o *pelourinho*, antigamente sim, que um escravo, sem mais nem menos, só porque queria seu senhor, *por qualquer dá cá aquella palha*, era surrado.

(Continuação da abordagem ao
brigue *Carahy*.)

—O saveirista Domingos, si bem eu o mandei, melhor o executou.

Remou em direitura ao barco de Maragape, que lhe indiquei, e cujo mestre já estava a espera, e n'um apice o algodão passou do saveiro para o tal barco.

A noite não tinha sido das peiores; a negociada estava arranjada; o que faltava era o meos.

De manhã, muito cedinho, fui para baixo.

Cheguei n'um *trapiche*, propriedade de uma *serva* do Senhor, verdadeira *serva* que passa as noites em continuas orações em certa *capella*.

—Si isso não vem ao caso, para que naras, abutre?

—Perdão, eu continuo.

Pedi ao caixeiro que chamasse um saveirista e mandasse deitar o algodão em terra.

O caixeiro, em boa fé, chamou o sub-capataz e lhe ordenou que trouxesse de bordo do barco tal, 19 saccos de algodão destinados ao *trapiche*.

Desembarcado o algodão, deu-se ao homem por seu trabalho, uma pataca, quantia que elle achou pouca, e, em quanto regateiava com o caixeiro, para que este lhe dêsse mais alguma coisa, eu que até esse momento estivera occulto, não me podendo conter, appareci, perguntando-lhe o que mais queria, por tão pouco trabalho.

Foi ali que me trahi.

O saveirista, presentindo eu que tinha parte no algodão, tirou logo a evidencia de que andava ali alguma escamotagem, algum roubo.

E' assim que o nome de certos homens parecem ligados a certos predicados.

De tal forma tenho adquirido uma tal celebridade rapinatiza, que aonde appareço, os que me conhecem julgam andar ali associado algum plano de latrocínio, de espionagem, de fraude, de extorsão.

Na verdade não é para menos; eu o reconheço.

Quem tem visto em Latronopolis os meus

altos e baixos, as minhas metamorphoses de noite para o dia, as minhas tranquiibernias, tem razão para suppor que aonde vou me acompanha o dolo e o engano, a galanteia e a tratantada.

Mas os *ganchos* que eu faço são muito diminutos, á vista de tanto colosso de ladroeira que campá por ali impune e passa invisivelmente.

O que é, por exemplo, um pequeno masso de etiquetas de dez côres, que levo em minhas excursões para distribuir, quando ha ali quem os tenha volumosissimos?

Isso não é cousa que leve á boia o fundo, nem faz cahir a *tripeça*.

E depois, eu tenho o cuidado, de escolher as bem novinhas que é para agradar aos freguezes.

Está que, ha tres viagens, não tenho levado supprimento, por andar um pouco espantado.

Mas logo que a cousa esqueça, continuarei.

—Ladrão indomito, conclues ou não a tramaia do algodão?

—Ja.

—O maldicto saveirista deitou a bocca no mundo; neste entretinimento o *lanchão* descarregou nas cinco *imprensas* e na pesada, faltaram com effeito as 36 arrobas, de que immediatamente deu-se parte a companhia.

(*Continua.*)

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 100 e 101 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Pede-se a pessoa que *bifou*, no sabbado, o chapen de sol do subdelegado da Conceição da Praia, deixando em troca um ordinario o velho, o favor de o ir restituir, visto ser muito conhecido o tal escamoteador, para não passar pelo dissabor de ir parar na cadeia.

O ordenança.

Quem precisar de uma senhora para serviço de uma casa de pequena familia ou para zelar meninos, dirija-se ao Largo do Terceiro, casa n.º 27.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, também compra prata, ouro e joias.